

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Yasmin Silva Pelizer

**VIOLÊNCIA SEXUAL COM UNIVERSITÁRIA: aspectos
socioculturais e saúde em uma análise documental**

TAUBATÉ – SP
2020

Yasmin Silva Pelizer

**VIOLÊNCIA SEXUAL COM UNIVERSITÁRIA: aspectos
socioculturais e saúde em uma análise documental**

Trabalho de Graduação em Psicologia para a
obtenção de certificado pelo curso de
Psicologia do departamento de Psicologia da
Universidade de Taubaté.

Orientador: Profa. Dra. Rosa Maria Frugoli da
Silva

**Taubaté
2020**

**Grupo Especial de Tratamento da Informação - GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU**

P384v Pelizer, Yasmin Silva
Violência sexual com universitária: aspectos socioculturais e
saúde em uma análise documental / Yasmin Silva Pelizer. -- 2020.
112 f.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Psicologia, 2020.

Orientação: Profa. Dra. Rosa Maria Frugolli da Silva,
Departamento de Psicologia.

1. Violência Sexual. 2. Violência contra as mulheres. 3.
Mulheres e saúde. I. Universidade de Taubaté. Departamento de
Psicologia. Curso de Psicologia. II. Título.

CDD – 362.7

Yasmin Silva Pelizer
Violência sexual em universitárias

Trabalho de Graduação apresentada para
obtenção do Certificado de Graduação do
Curso de Psicologia, apresentada ao
Departamento de Psicologia.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. – Dr. Rosa Maria Frugol
Universidade de Taubaté.

Prof^a. – Talitha Vieira Gonçalves Batista
Universidade de Taubaté.

Dedico esse Trabalho de Graduação ao meu querido e amado Avô Benedito Ramos da Silva (in memorian), que me ensinou os valores do estudo e da felicidade.

AGRADECIMENTOS

A graduação foi um dos maiores desafios e aprendizados da minha vida. Ingressar no curso de Psicologia aos 17 anos foi uma das escolhas mais significativas, minha intenção era desbravar o mundo e o compreender e comportamento humano.

Ao longo desses anos, passei por muitas provações, caminhos que eu nunca imaginei percorrer. As dificuldades muitas vezes pareciam não ter saída, e me faziam pensar que não seria possível a concretização do meu sonhado diploma e honrar todos os meus familiares que um dia quiseram estudar, e não tiveram possibilidade.

Agradeço em primeiro lugar a minha mãe Patrícia C. R. da Silva por todo apoio, por acreditar em mim e por todo o investimento e dívidas que fez, para que eu conseguisse concluir esse ciclo. Agradeço a ela pelo valor que me ensinou da vida e por sempre me mostrar como uma mulher, mãe solo e ser humano, devem ser, por toda a força que sempre teve para me criar e por insistir tanto na minha formação, nos momentos que eu pensei não ser capaz.

A temática do meu Trabalho de Graduação tem grande influência no que eu vivi com a minha mãe, pelas dificuldades que passamos por sermos mulher, em um mundo tão machista. Represento nesse trabalho todas as mulheres que participaram da pesquisa e pelas mulheres que passaram em minha vida, como uma forma de demonstrar que juntas somos fortes e podemos plantar sementes na sociedade, para um dia termos um mundo igualitário e saudável.

Agradeço aos meus avós maternos, Dinorá Costa e Dizo, pelo apoio nessa trajetória. A minha avó por todos os estímulos ligados aos estudos e por estar ao meu lado nos momentos de felicidade e oração. Ao meu avô, por me iluminar e estar ao meu lado, mostrando sempre os caminhos certos e de luz.

Agradeço aos meus avós paternos, João e Domingas, pelo amparo espiritual.

Ao meu namorado Lucas Vaquelli, que esteve ao meu lado nos últimos anos de formação, sempre me estimulando, apoiando e mostrando que eu sou capaz de concretizar tudo o que almejo, sendo um grande pilar de confiança da minha vida. Por seguinte aos meus sogros, Andreia Vaquelli e Pedro Vaquelli, por todo o carinho e momentos de acolhimento.

A todas as pessoas que eu estudei e contribuíram para que esse TG fosse possível, desde minhas amigas da Unisantos, no qual me acolheram e me incentivaram a confiar no meu potencial, até minhas amigas que conheci nos últimos semestres da Unitau, que me proporcionaram laços para a vida toda. Agradeço a Letícia Monteiro, Julia Feliciano, Amanda Bello, Barbara Gandur, Dayane Alves, Luiza Varella, Mariana Monteiro.

Às pessoas que fizeram parte da minha vida em paralelo, me apoiando e estando ao meu lado. Agradeço a Nathalia Mariotto, Giovanna Ferreira, Ariadne Godoy, Thainá Vanoni, Amanda Zannin, Ceres Freitas, Carolina Gomes e Gabriela Rodrigues.

A minha orientadora Rosa Frugoli por todo o ensinamento e auxílio na construção deste Trabalho de graduação, e pela confiança em compartilhar seus projetos e conhecimentos.

A todos os mestres da educação que me guiaram desde criança para alcançar a minha graduação.

Ao universo por abrir o meu caminho e me amparar.

Por ultimo e não menos importante, à minha banca por aceitar avaliar a defesa da minha pesquisa.

“Eu não sou livre enquanto alguma mulher não o for, mesmo quando as correntes dela forem muito diferentes das minhas”

Autor Audre Lorde

RESUMO

A assimetria nas relações de gênero gera diversas consequências para as mulheres. Nesta violação dos direitos humanos, a vítima sofre importantes danos que prejudicam sua saúde psicológica, física, patrimonial, como também sexual que delimita este estudo. A partir do impacto e desigualdade que a violência contra as mulheres causa, este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo compreender a violência sexual ocasionada em universitárias. A metodologia utilizada foi qualitativa, do tipo documental, a partir de registros derivados de banco de dados de pesquisa sobre o tema. Nesta perspectiva elegeu-se um registro de entrevista semiestruturada de uma universitária, branca, jovem e solteira, porém em um relacionamento sério. A universitária sofreu violência sexual de um colega universitário durante a realização de uma festa. A análise de dados ocorreu por meio de Análise Temática que possibilitou o levantamento das seguintes categorias: 1) violência sexual; 2) comportamento pós violência sexual; 3) rede de apoio e enfrentamento; 4) cultura enraizada. Os resultados alcançados indicaram que a universitária sofreu violência sexual, o ato refletiu em diversos impactos na vítima, sendo eles físicos e psicológicos, afetando diretamente na saúde. Os danos causados geraram dificuldades em lidar com o enfrentamento ligado a parte legal, por conta da não realização da denúncia e por receio do julgamento social. O autor da violência ficou impune e apto para realizar com outras mulheres. Em outra perspectiva houve o amparo psicológico oferecido pela família, pelo namorado e pelo serviço de psicologia, que auxiliaram no âmbito da saúde. O estudo retificou que a violência contra a mulher é um fenômeno cotidiano e pode ocorrer dentro da universidade, contradizendo a crença social de que apenas pessoas de classe econômica desprivilegiada sofrem situações de violência sexual.

Palavras-chave: Violência Sexual, Mulheres e saúde, Violência contra as mulheres.

ABSTRACT

Sexual violence with college students and the consequences to their health

Asymmetry in gender relations causes several consequences for women. In this violation of human rights, the victim suffers important damages that harm his/her psychological, physical, mental, patrimonial, as well as sexual health, which comprise this study. Based on the impact and inequality that violence causes in women, this Course Completion Paper aimed at understanding the sexual violence caused in university students. The methodology used was qualitative, of documentary type, based on records from a research database on the topic. In this perspective, a semi-structured interview record of a university student, white, young and single, but in a serious relationship, was chosen. The university student was sexually abused by a university classmate at a party. Data analysis was carried out by means of a Thematic Analysis, which allowed for a survey of the following categories: 1) sexual violence; 2) post-sexual violence behavior; 3) support and confronting network; 4) rooted culture. The results found indicated that the university student suffered sexual violence. The act caused several impacts on the victim, both physical and psychological, directly affecting her health. The damages caused generated difficulties in dealing with the confrontation linked to the legal matters, due to the failure in carrying out a complaint, for fear of being judged by society. Therefore, the aggressor went unpunished thus being able to practice the same violence with other women again. On the other hand, the victim had psychological support from her family, boyfriend and from the psychology service, which helped her in the recovery of her health. The study found that violence against women is a daily phenomenon and can occur within the university, contradicting the social belief that only people from underprivileged economic classes are sexually abused.

Keywords: Sexual abuse, Women and health, Violence against women.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

B.O – Boletim de Ocorrência

CRP – Conselho Regional de Psicologia

CNDM – Conselho Nacional de Direitos da Mulher

DEAM's – Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher DO – Diário Oficial do Estado de Santa Catarina

DST – Doenças Sexualmente transmissíveis

OMS – Organização Mundial de Saúde ONG – Organizações Não-Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde

SPM – Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres

SUS – Sistema Único de Saúde

TG- Trabalho de Graduação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 APRESENTAÇÃO	11
1.2 PROBLEMA/PERGUNTA.....	12
1.3 OBJETIVOS.....	13
1.3.1 Objetivo geral	13
1.3.2 Objetivo específico	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 O QUE É VIOLÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM A SAÚDE, SOCIEDADE E A CULTURA.....	14
2.2 VIOLÊNCIA E SAÚDE	20
2.3 HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES E INFLUÊNCIAS NA SAÚDE	24
2.4 VIOLÊNCIA E PSICOLOGIA	31
2.5 TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES	40
2.6 VIOLÊNCIA SEXUAL E SAÚDE	45
2.7 VIOLÊNCIA EM UNIVERSITÁRIAS	47
2.8 AÇÕES E ENFRENTAMENTOS À VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES	49
3 MÉTODO	59
3.1 PESQUISA QUALITATIVA DO TIPO DOCUMENTAL	59
3.2 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DO DOCUMENTO.....	60
4 RESULTADOS	63
5 DISCUSSÃO	100
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	109

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO

Este Trabalho de Graduação (TG) do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté tem como tema a Violência Sexual Contra Universitárias. Este projeto é um recorte da pesquisa “Violência contra as mulheres universitárias: consequência para a saúde”, desenvolvido pela pesquisadora Profa. Dra. Rosa Frugoli e também orientadora deste TG.

O tema da violência contra as mulheres, delimitado às questões sexuais mostra-se como relevante, tendo em vista a presença de relações de poder e opressão direcionadas às mulheres que, desde os primórdios, foram presentes nas relações humanas.

Para compreender o conceito de violência sexual, a Organização Mundial da Saúde (OMS), indica que este se refere a qualquer atitude relacionada à tentativa de consumir o ato sexual, contra a sexualidade individual, compreendendo como estupro qualquer ato sexual com penetração, coibindo ou reprimindo a vítima, resultando na penetração em qualquer parte do corpo. (OMS, 2017)

É crucial ressaltar a importância da problemática, tendo em vista que mundialmente mulheres são afetadas pela sociedade e costumes machistas, em que o gênero feminino é comumente oprimido e o masculino dominador. A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) mostrou, segundo publicações da OMS (2017), uma estimativa que mostra que uma a cada três mulheres (35%) em escala global, já sofreram algum tipo de violência durante a vida, seja ela física ou sexual. Quando se trata de violência direcionada às mulheres, é importante citar que existem inúmeras formas, como psicológica, sexual, patrimonial, moral. A mais conhecida socialmente é a violência física, por conta dos danos à vítima serem visíveis.

A vulnerabilidade da mulher na sociedade brasileira e a falta de segurança, apresentam números alarmantes. A cada trinta minutos uma mulher sofre agressão, seja ela física, psicológica ou moral. Em um dia, oito casos de violência sexual contra a mulher ocorrem e em uma semana 33 mulheres sofrem com o feminicídio. Outro dado aponta que 75% das mulheres que sofrem agressões cotidianas tendem a continuar vivenciando essas violências por um período de cinco anos. (BRASIL, 2018)

As violências trazem inúmeras consequências à saúde da mulher. Segundo as OPAS (2017), 42% das mulheres apresentam lesões e danos após sofrerem abusos, sendo que a violência contra as mulheres também pode ter consequências mortais como o homicídio ou o suicídio. Além de existirem outros agravantes ocasionados pela violência na vida da mulher como a saúde física, mental, sexual e até a produtividade, além de todas as Doenças Sexualmente transmissíveis (DST) que podem ser contraídas.

O ato de violência é considerado violação dos direitos humanos. A violência sexual se caracteriza como uma forma de realizar essa violação, o maior índice de concretização desse ato, é por parte de parceiros amorosos. (OPAS, 2017)

Como este é um problema grave, há necessidade de realizar formas de enfrentamento, com o intuito de amparar as vítimas e enfatizar a necessidade da realização da denúncia. Grande parte das denúncias não realizadas por mulheres, por medo do julgamento. Sendo este um problema para a sociedade, que afeta diretamente as mulheres, faz-se necessário que toda a sociedade se sensibilize e tenha ações, sobretudo de políticas públicas no enfrentamento desse problema.

O tema deste TG foi escolhido com o intuito de contribuir com as discussões e reflexões diante deste grave problema social, pois apesar de ser um fenômeno histórico, a sociedade precisa de conhecimento sobre cultura machista e suas consequências. O reflexo dessa conscientização tem como intuito gerar respeito e igualdade para o gênero feminino.

Em decorrência da problematização indicada, este TG tem como objetivo responder as seguintes perguntas: Quais as consequências e influências da violência sexual para a saúde das mulheres universitárias? Qual a importância da rede de apoio?

1.2 PROBLEMA/PERGUNTA

Quais as consequências e influências da violência sexual para a saúde das mulheres universitárias? Qual a importância da rede de apoio?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Compreender a violência sexual em mulheres universitárias.

1.3.2 Objetivo específico

- Identificar e compreender as consequências para a saúde dessa violência.
- Identificar a influência do contexto sociocultural e a rede de apoio.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A proposta de pesquisa neste referencial teórico foi discorrer sobre os temas que abarcam a questão da violência no que se refere aos aspectos conceituais e posteriormente se aproximam da delimitação do tema desta pesquisa, que foi a violência sexual em mulheres universitárias. Então, perspectivas teóricas, como violência e saúde e violência e mulheres, história da violência contra as mulheres, tipos de violência contra as mulheres, violência sexual e saúde, violência e psicologia, violência em universitárias, e ações de enfrentamentos a violência de gênero foram apresentados neste referencial teórico.

Compreendendo esse fenômeno e seus desdobramentos, autores como, Silva (2017), Minayo (2006), Frugoli et.al (2019), Furquim (2020), Pelisoli; Dell'Aglio (2014), Krug; Dahlberg (2006), Maradei; Santos (2017), Santos; Oliveira (2018), Silva (2017), Silva; Tanizaka; Soares (2018) e Tanizaka et al. (2020), OMS (2002), OMS (2014) e Brasil (2018) serão fundamentais como base teórica e conceitualização.

2.1 O QUE É VIOLÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM A SAÚDE, SOCIEDADE E A CULTURA

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência como um ato realizado com intencionalidade, independente do resultado que ocorra, sendo uma violação dos direitos humanos, que gera historicamente números alarmantes de vítimas, causando consequências individuais e em esfera global e pública (OMS, 2002). Evidencia este fenômeno, como:

O uso intencional de força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. A OMS associa a intencionalidade com a prática do ato propriamente dito, independente do resultado produzido. (OMS, 2002, p. 5)

Ao se falar da definição da OMS, Krug e Dahlberg (2006) explicam que além da força física, o indivíduo que está praticando pode exercer o ato por meio do poder, ele compreender que a utilização do mesmo tem a intenção de intimidar pessoas através de qualquer ato negligente. A OMS (2002) corrobora que a

utilização da palavra poder, inclui todos os atos de violência, sejam elas, “[...] física, sexual, psicológica, atos de autoabuso e suicídio.” (OMS, 2002, p. 5)

O fenômeno traz uma problemática que precisa ser compreendida em sua totalidade, pela variância em que ela pode se apresentar e as esferas que ela pode atingir (FURQUIM 2020). Neste sentido, Minayo compactua destas ideias, que:

A maior parte da dificuldade em conceituar a violência vem do fato de ela ser um fenômeno da ordem do vivido, cujas manifestações provocam ou são provocadas por uma forte carga emocional de quem a comete, de quem a sofre e de quem a presencia. (MINAYO, 2006, p. 14)

Diante dessa compreensão, é preciso enfatizar que a violência se manifesta por diversas formas, como conflitos, lutas, disputas de autoridade, por desejo de machucar o próximo, ou pela própria cultura social em que o indivíduo está inserido, compreendendo que a agressão possui naturalidade no cotidiano. (MINAYO, 2006),

A violência não é uma, é múltipla. De origem latina, o vocábulo vem da palavra vis, que quer dizer força e se refere às noções de constrangimento e de uso da superioridade física sobre o outro. (MINAYO, 2006, p. 13)

Corroborando com os conceitos de violência, Furquim (2020) compreende a violência como um fenômeno relacionado à posse ou aniquilamento do outro, seja por meio da força física ou psicológica sobre a vítima, gerando efeitos como constrangimento ou qualquer outra consequência pejorativa ou negativa. A forma de repercussão social varia de acordo com a forma que aconteceu a violência e a época que a sociedade está vivendo, ou seja, as leis que estão vigentes, a compreensão e costumes sociais.

A violência difere em duas categorias e se assemelham pela cultura de violência da sociedade, como citado anteriormente, portanto as violências são diferenciadas por essas categorias, a primeira tem o objetivo de conseguir algo, ou seja, haverá um alcance de um objetivo específico, a outra é a violência modernista que constituem em padrões relacionados as características de vítimas e dos indivíduos que realizam a violência, é como se eles tivessem uma "essência" definida que determina em qual local o indivíduo estará, seja ele como vítima ou como propagador da violência. (MINAYO, 2006)

Em vista disso, o ato faz parte do desenvolvimento da sociedade, sendo realizado por diversos fatores. Historicamente ele se concretizou de diversas formas, como discriminação por etnia ou gênero, guerras, destruições, lutas de poder. (MINAYO, 2006)

Questões sociais e herdadas possuem influência na vida de qualquer ser humano, pela perspectiva de sua individualidade e por suas subjetividades, mostrando que algumas situações enfraquecem a subjetividade, como a ausência paterna, podendo gerar impactos, junto com a escassez de possibilidades sociais. Esses são apenas um exemplo, não fatores determinantes, pois a complexidade da violência é algo denso, onde estar em uma classe social dentro da desigualdade, não determina o papel do indivíduo, seja ele a realizar o ato ou a vítima. “Por isso, o mercado da violência passa a se configurar como uma escolha viável, numa conjuntura de crescente desemprego e exclusão social, cultural e moral.” (MINAYO, 2006, p. 33)

A violência é considerada como um fato social, ou seja, existe uma naturalização na sociedade e nas relações interpessoais, na qual reflete sobre a correlação de poder e violência, demonstrando como o fenômeno pode ocorrer. Um vertente é a utilização do poder onde indivíduos são fortalecidos por outros, ou seja, uma "força social" estruturada por ações coletivas e relações interpessoais fazendo assim com que a violência ocorra, principalmente contra a mulher e a diferença de gênero. (FURQUIM, 2020)

Os diferentes tipos de violência compartilham fatores de risco subjacentes e interrelações importantes. Por exemplo, desigualdade econômica, uso indevido de bebidas alcoólicas e práticas parentais inadequadas aumentam a probabilidade de maus-tratos à criança, violência juvenil, violência praticada por parceiro íntimo e violência sexual contra a mulher. Crianças que sofrem rejeição, negligência, punição corporal severa e abuso sexual – ou que testemunham violência em casa ou na comunidade – estão em maior risco de envolver-se em comportamento agressivo e antissocial em estágios mais avançados de seu desenvolvimento, inclusive comportamentos violentos na idade adulta. Apenas aproximadamente 50% dos países relataram dispor de planos integrados que abordam múltiplos tipos de violência. Isso sugere que o planejamento talvez seja influenciado mais por esforços para enfrentar tipos específicos de violência do que pela necessidade de criar sinergia entre os tipos de violência. (OMS, 2014, p. viii)

Maradei e Santos (2017) ressaltam que a sociedade moderna possui diversas esferas, sendo elas econômicas, políticas e culturais, que relacionam entre si formando estruturas de poder, seja por meio de vínculos empregatícios, por ser

cidadão e suas relações, sejam elas com a lei, com a própria sociedade ou com outros indivíduos, isso é um agravante que demarca conflitos, ou seja, a posse dessas esferas, permitem com que os indivíduos se emerjam, gerando desigualdade social e conseqüentemente violência. O autor ressalta a necessidade de uma sociedade ativa, tendo em vista os números alarmantes de violência ainda presentes, onde eles podem diminuir por meio de debates e conscientização social.

A desigualdade social para Minayo (2006) é um fator enraizado no Brasil, que influencia negativamente nos índices de violência, desde a concepção da colonização até a atualidade, isso tem como explicação a vivência histórica escravista, gerando populações onde pessoas que não fazem parte do ideal social, que seriam homens brancos, tendem a sofrer violência de alguma forma.

Deste modo quando a violência é justificada em prol de uma causa maior, tende a tornar naturalizada. Minayo, (2006), explica que a normalização das relações interpessoais entre homens e mulheres, fez com que a violência se estabelecesse pela forma de poder e hierarquia, tornando a cultura patriarcal forte desde os primórdios, florescendo assim a violência contra a mulher, que muitas vezes não é vista. É importante ressaltar a representatividade que a sociedade permite que o homem tenha, deixando-o propício de realizar ações violentas,

Vários autores veem o fenômeno de diferentes formas, caracterizando e descrevendo a interação da violência com a humanidade. A OMS (2002) contextualiza que “a causa do comportamento violento é resultante da interação individual, social, cultural e ambiental.” (OMS, 2002, p. 12) Enfatizando que o fenômeno possui amplas variantes e que cada indivíduo pode ser influenciado ou não por elas, priorizando a individualidade e não justificando como um ato determinante.

Krug e Dahlberg (2006) compreendem as ações violentas como parte da experiência humana, apresentando assim diferentes formas de manifestações em cada indivíduo, sendo importante ressaltar a singularidade, mostrando que não é um fator determinante, por mais que alguns indivíduos possuam esse fator genético, outros não possuem e são agressivos. Ressaltando que fatores externos proporcionam a violência como culturais, familiares, sociais, dentre outros, essas atitudes estão ligadas a comportamentos agressivos intencionais e são consideradas violências independentes do efeito causado, ou seja, independente do

nível que a vítima foi prejudicada.

Minayo (2006) constata que cada indivíduo possui sua individualidade, subjetividade e questões genéticas herdadas e influencia do meio em que o indivíduo esta inserido, formando assim uma ampla gama de possibilidades de desenvolver ou não a violência.

Considerando a complexidade da compreensão do ato e suas consequências, Krug e Dahlberg (2006) ressaltam os possíveis resultados que podem ser causados nas vítimas, como os impactos psicológicos, físicos e/ou sexuais, que podem levar a possíveis sequelas ou morte. Essas resultantes frutos do ato variam de acordo com o indivíduo, podendo apresentar efeitos e sequelas momentâneas, ou latentes, podendo perpetuar por toda a vida. (OMS, 2002)

Além de afetar diretamente o indivíduo violentado, pessoas próximas como a família também são atingidas. Consequentemente, outro membro afetado é o sistema de saúde, que precisa lidar com toda a demanda densa trazida, necessitando de uma equipe multidisciplinar (SILVA, 2017; FRUGOLI et al. 2019). A OMS (2002) compreende que além de todas as consequências visíveis fruto da violência, como lesões e morte, ela gera opressão social e na comunidade.

O Relatório Mundial da Saúde compreende a violência como um problema mundial, que necessita ser resolvido, portanto, o relatório foi criado para que seja possível conscientizar a população, como uma forma de prevenção e combate, essas ações ocorrem em territórios nacionais e internacionais (OMS, 2002, p. 6). Para diminuir o número de vítimas sobre violência e saúde, é importante conscientizar que existem três categorias que definem a violência, sendo elas a violência autoinfligida que se denomina como uma violação com o próprio indivíduo, ou seja, o indivíduo que agrediu e a vítima são a mesma pessoa, caracteriza-se com comportamentos suicidas e autoabusivos, violência interpessoal, que ocorre com membros familiares e parceiros íntimos ou dentro da comunidade que a vítima está inserida, sendo com pessoas do convívio ou não, e a violência coletiva que ocorre por violência social, política ou econômica, e é denominada um agente social, onde os autores da violência são de grupos de pessoas ou do Estado. (OMS, 2002, p. 6) Para Minayo (2006):

Existem cálculos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), segundo os quais cerca de 3,3% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro é gasto com os custos diretos da violência, cifra que sobe para 10,5% quando

se incluem custos indiretos e transferências de recursos. Para se ter idéia do significado da cifra dos custos diretos da violência no Brasil (3,3% do PIB), ela é três vezes maior do que o país investe em ciência e tecnologia. (MINAYO, 2006, p. 38)

Socialmente falando, Minayo (2006) compreende que a violência é um ato que gera reflexão social, fazendo com que indivíduos pensem nas influências (que podem ser pessoais) e consequências, não excluindo ninguém da causa geradora. É importante lembrar que os danos causados são inúmeros, tanto pessoalmente para o indivíduo que foi agredido, como para as pessoas em seu convívio, é um problema social e de repercussão na saúde coletiva, conforme colocado pela OMS (OMS, 2014, p. 2):

Registram-se anualmente mais de 1,3 milhões de mortes em consequência da violência, em todas as suas formas – auto-direcionada, interpessoal e coletiva –, o que corresponde a 2,5% da mortalidade global. Para indivíduos entre 15 e 44 anos de idade.

É preciso compreender a diferença entre usar a violência e causar danos a outro indivíduo. Muitas vezes não há relação com a violência propriamente dita, mas é um ato violento (KRUG; DAHLBERG, 2006). Dentro do ato de violência, existem atos intencionais e não intencionais, quando ocorre um ato não intencional e causa algum tipo de dano ou lesão, o indivíduo não quis ferir o outro, não é considerado violência. Sendo possível assim compreender que muitas pessoas realizam atos violentos que são culturalmente passados e aceitos por parte da sociedade, o agressor não compreende que foi utilizada a intencionalidade, como por exemplo, bater ou ferir a esposa e é uma forma de violência. (OMS, 2002)

Todos os atos de violência, quer sejam públicos ou privados, quer sejam reativos (em resposta a fatos anteriores, como uma provocação) ou antecipatórios (ou instrumentais para resultados automáticos⁴), ou mesmo criminosos ou não. Cada um desses aspectos é importante para a compreensão da violência e para o planejamento de programas preventivos. (KRUG; DAHLBERG, 2006, p. 1166)

Furquim (2020) ressalta sobre a compreensão social de violência que está relacionada raízes de atos de antepassadas e que o indivíduo só compactua com a sua existência quando é vista a olho nu, como por exemplo, a violência física. Contudo as violências que afetam internamente o indivíduo tendem a socialmente

não ser reconhecida como violação de integridade, a mais comum é a violência psicológica, que causa danos da mesma forma que as outras.

A partir dos indicativos dos conceitos de violência, será discutida a seguir relação entre saúde e violência, tendo em vista as consequências trazidas pelo ato na saúde das mulheres.

2.2 VIOLÊNCIA E SAÚDE

Violência é um problema que cresce cada vez mais no mundo, Minayo (2006) contextualiza a violência como um problema, que repercute na saúde social e individual, onde as pessoas veem a necessidade de combatê-la. Silva (2017) compreende o fenômeno repercute em escala mundial, afetando diretamente o gênero feminino, conseqüentemente a saúde pública, tendo em vista que as Leis e punições referente as mesmas, não são o suficiente para o combate.

Silva (2017) ressalta as inúmeras conseqüências que a violência trás, como psicológica, física, possibilidade de doenças sexuais, dentre outras, e como isso o sistema de saúde fica sobrecarregado, pela alta demanda e por sua densidade. A OMS (2014) compreende por meio do Relatório Mundial da Saúde que:

A violência contribui para problemas de saúde ao longo da vida – principalmente para mulheres e crianças – e para morte prematura. Muitas das principais causas de morte – como doenças cardíacas, acidentes vasculares, câncer e HIV/Aids – decorrem de comportamentos como tabagismo, consumo inadequado de álcool e drogas, e sexo inseguro, que as vítimas adotam em um esforço para lidar com o impacto psicológico da violência. A violência exerce forte pressão também sobre sistemas de saúde e de justiça criminal, sobre os serviços sociais e de bem-estar, e sobre a estrutura econômica das comunidades. (OMS, 2014, p. 8)

Minayo (2006) compreende a ligação entre violência e saúde, como fruto das conseqüências que o ato proporciona, seja por danos psicológicos ou físicos, além da possível fatalidade da agressão levar a morte. O sistema de saúde e seus trabalhadores tem um papel fundamental de acolhimento, amparo e acompanhamento das vítimas. O Relatório Mundial da Saúde (2014) compreende que:

As conseqüências muitas vezes não são fatais, mas grande parte causa carga social e saúde decorrente da violência. Até mesmo lesões físicas são

superadas por um amplo espectro de resultados negativos que decorrem da exposição à violência – comportamentais, cognitivos, de saúde mental, problemas sexuais e de saúde reprodutiva, doenças crônicas e efeitos sociais. Todos os tipos de violência estão fortemente associados a consequências negativas para a saúde ao longo da vida, mas a violência contra mulheres e crianças contribui de forma desproporcional para prejuízos à saúde. (OMS, 2014, p.15)

Tendo em vista a falta de clareza e complexidade que a violência sexual muitas vezes se apresenta. Pelisoli e Dell’Aglio (2014) constatam que a área da saúde como um todo, incluindo a psicologia, são aliados no trabalho com as vítimas.

Silva (2017) ressalta a dificuldade da área da saúde em lidar com as demandas que chegam fruto da violência, tendo em vista que em parte dos hospitais e profissionais, não possuem treinamentos necessários para saber as formas adequadas de intervenções.

O Relatório Mundial da Saúde relata que esses profissionais possuem o papel de identificar uma agressão e agir sobre a mesma, buscando o melhor tratamento, realizando, e acompanhamento junto ao indivíduo de até seis meses, outro papel crucial o trabalho interdisciplinar, para que seja possível um alcance múltiplo em relação à fatalidade. (OMS, 2014)

O sistema de saúde oferece essa assistência e custeia com os procedimentos, como assistência hospitalar, e acompanhamento das vítimas. As ações violentas fruto das relações interpessoais causam milhares de vítimas fatais “mais de um milhão de pessoas perdem a vida, e muitas mais sofrem ferimentos não fatais resultantes de autoagressões, de agressões interpessoais ou de violência coletiva.” (KRUG; DAHLBERG, 2006, vol.11)

Além de todo o dano social que a violência causa, Minayo (2006) aponta como os gastos gerados pelo ato, afetam negativamente nos custos investidos, a autora cita, que os procedimentos médicos convencionais apresentam menos custos, que os gerados por violência:

Existem cálculos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), segundo os quais cerca de 3,3% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro é gasto com os custos diretos da violência, cifra que sobe para 10,5% quando se incluem custos indiretos e transferências de recursos. Para se ter ideia do significado da cifra dos custos diretos da violência no Brasil (3,3% do PIB), é três vezes maior do que o país investe em ciência e tecnologia. (MINAYO, 2006, p. 37 e 38)

Krug e Dahlberg (2006) explicam que a saúde pública tem como foco cuidar

de problemas relacionados à saúde como um todo, beneficiando a maior quantidade e priorizando a segurança populacional, mas isso não descarta males individuais e males que esses indivíduos passam. Portanto, quando há casos de vítimas de violência seja em um número alarmante ou individualmente, o cuidado é o mesmo.

Como citado anteriormente é essencial que a saúde pública e é ações coletivas e multidisciplinares, para que seja possível assim solucionar o problema, visando o bem estar do indivíduo em sua totalidade, reduzindo cada vez mais o número de pessoas sendo violentadas. O maior foco desses agentes, juntamente com o setor público, é minimizar os números de pessoas que são agredidas, diminuindo assim os gastos públicos, podendo direcioná-los para outros setores da saúde. (KRUG; DAHLBERG, 2006) “Essa ação preventiva pode possibilitar direito, cidadania, e igualdade de forma integral.” (Silva, 2017, p.10)

De antemão, para que seja possível evitar e solucionar o problema Krug e Dahlberg (2006) realizaram um método científico com etapas, como forma de sistematizar os procedimentos:

- 1) Examinar o maior número possível de conhecimentos básicos sobre todos os aspectos da violência e unir sistematicamente dados sobre a extensão, o objetivo, as características e as consequências da violência a nível local, nacional e internacional;
- 2) Investigar por que a violência ocorre, isto é, realizar pesquisas para determinar causas e fatores correlatos da violência; os fatores que aumentam ou diminuem o risco de violência; os fatores passíveis de serem modificados por intermédio de intervenções;
- 3) Usando a informação acima, explorar formas de prevenção da violência, planejando, executando, monitorando e avaliando as intervenções;
- 4) levando a cabo, em cenários diversos, as intervenções que parecem promissoras, disseminando amplamente a informação, bem como determinando o custo e a eficácia dos programas. (KRUG; DAHLBERG, 2006, p. 1165)

Uma das formas de amparo às vitima e prevenção, é por meio de interdisciplinaridade, ou seja, vários profissionais da saúde, de diversos departamentos, unidos, compartilhando informações e maneiras de sessarem essa pandemia, denominada violência. Minayo (2006) ressalta a importância da Saúde Coletiva como um aliado na prevenção, para alguns fatores serem evitados. A ação tem como foco a qualidade de vida do cidadão e sua saúde, com a intenção de promove a saúde e não sobrecarregar outros setores da saúde publica.

Pelisoli e Dell’Aglío (2014) enfatizam a importância de cada área realizar com o que foi delegado, possibilitando assim intervenções corretas para as vítimas e

projetos realizados para a prevenção.

Diversas ações políticas voltadas ao setor público estão ligadas as violências, com foco na melhoria populacional agredida. O Brasil é conhecido com grade índice populacional agredido, repercutindo uma imagem negativa para as outras nações, assim diversa autores definem diferentes formas de violência e com variadas considerações. (MINAYO, 2006)

O apoio às vítimas de violência não se limitam apenas no sistema de saúde, outros órgão também fazem parte da contribuição, como o legislativo, fazendo com que a execução das leis ocorra para pessoas que sofreram violência. (OMS, 2014)

Um estudo com representatividade nacional sobre o atendimento de lesões relacionados com a violência, em serviços de emergência realizado no Brasil identificou, no período de 1 mês, 4.835 casos de ferimentos relacionados à violência, sendo que em 91% desses casos as vítimas sofreram violência interpessoal, e em 9% a causa foi violência auto-direcionada. Em mais da metade dos casos (55%) as vítimas também eram jovens entre 10 e 29 anos de idade. (OMS, 2014, p.13)

A área da saúde vem crescendo para que o combate contra a violência seja cada vez mais eficaz, porém há controversas pela falta de estrutura na maior parte dos hospitais. Estudos e pesquisas dentro da área da saúde tentam compreender o conceito de violência, motivos para que a ação ocorra e maneiras de intermédio, para que seja evitada. (KRUG; DAHLBERG, 2006)

Os danos, as lesões, os traumas e as mortes causados por acidentes e violências correspondem a altos custos emocionais e sociais e com aparatos de segurança pública. Causam prejuízos econômicos por causa dos dias de ausência do trabalho pelos danos mentais e emocionais incalculáveis que provocam nas vítimas e em suas famílias, e pelos anos de produtividade ou de vida perdidos. (MINAYO, 2006, p.37)

A presença do trabalho multidisciplinar segundo Pelisoli e Dell'Aglio (2014) é necessário e fundamental para que seja possível uma compreensão melhor sobre o fenômeno da violência, além da área da saúde, que é a mais recorrente, existem outras participações de assistências cruciais que são ativas ao problema, como assistências sociais, que atuam para a prevenção e combate. Porém nem sempre é possível que áreas trabalhem juntas, muitas vezes há impasses legais como por exemplo sobre a atuação do psicólogo e suas validações especificamente:

Após a conceituação de violência e saúde, e como o fenômeno tem números

alarmantes, que acarretam na sobrecarga do Sistema de saúde. Será explicado no próximo tópico a história desse acontecimento, tendo em vista que os principais indivíduos afetados são as mulheres.

2.3 HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES E INFLUÊNCIAS NA SAÚDE

A violência contra as mulheres é um hábito historicamente enraizado e comum na sociedade, esse ato ameaça a integridade física e mental, segundo a OPAS (2017), 35% das mulheres mundialmente já sofreram violência física e/ou sexual, mostrando que parte das mulheres da sociedade já foram violentada de alguma maneira. E se tratando da violência destinada as mulheres, as Nações Unidas definem a violência como qualquer ato que gere qualquer tipo de problema ou dano, físico, sexual ou mental para o gênero feminino. (OPAS /OMS, 2017)

Esses atos podem ser realizados de diversas formas, como ataques verbais, sexuais, físicos, dentre outros e eles podem ocorrer em qualquer local do cotidiano da mulher, como sua própria casa, trabalho, no ambiente familiar, na comunidade, na escola e até na rua. A relação entre os mesmo está no fenômeno da violência contra mulher e sua forma de agir. (SILVA; TANIZAKA; SOUZA, 2018)

Serão apresentados contextos sociais, historicamente a violência contra a mulher era ocultada e invisível, onde as opressões pela desigualdade de gênero refletiam negativamente na vida das vítimas. Furquim (2020) compreende que ao longo da história social, a mulher ocupou diversos lugares, um dos primeiros aproximavam ambos os gêneros, tendo funções e direitos semelhantes aos homens, pois não havia consciência de paternidade e maternidade, tornando uma divisão familiar igualitária.

Ao longo do tempo, as coisas foram mudando e se ajustando, de acordo com o nível consciência do ser humano e seus padrões sociais. Essas alterações sociais iniciaram quando o homem começou a se angustiar pelo papel que a mulher estava ocupando igualitário, dando início às mudanças de valores e obrigações sociais. (SILVA, 2017)

No período do pré-capitalismo, em diversos países, a mulher exercia diversas funções no trabalho como no campo, em minas, mercados, dentre outros, onde todos os membros familiares, contando com as crianças, contribuíam para a

economia da casa e da sociedade, não havia separação de gênero. (FURQUIM, 2020)

Minayo (2006) contextualiza que o ato que antes era comum em dividir a "companheira com outro homem", começou a criar rivalidade, iniciando ações violentas, formando assim uma nova estrutura dos papéis dos indivíduos na sociedade, ou seja, uma nova concepção de família e deveres de seus indivíduos. o.

No início da capitalização, as mulheres começaram a ser vistas como sexo frágil, seja pelos estudos que não eram oferecidos, causando assim uma mão de obra desvalorizada, pela falta do conhecimento. Outra justificativa era pela diferença biológica, em que as mulheres engravidavam e precisavam de um tempo entre a gravidez e o nascimento do filho, diminuindo-as a trabalhos domésticos. (FURQUIM, 2020)

Essa nova concepção dos valores sociais geraram um novo sistema chamado de patriarcado, que ao longo da evolução da história foi retirando a igualdade de gênero e implementando situações de discriminação das mulheres. Por mais que as mesmas provassem suas eficácias nos estudos e trabalhos, socialmente não conseguiam se fortalecer e se manterem ativas. (FURQUIM, 2020)

É importante compreender que a prática de violência está inserida em nossa sociedade desde os primórdios, de diferentes formas, como lutas de poder, disputas por alimentos, dentre outros que eram muito comuns. Krug e Dahlberg (2002) ressaltam que o papel social da mulher sofreu alteração, pela mudança e movimentação social de acordo com a época, para ele a falta de consciência entre os papéis estabelecidos socialmente, não foi um fator determinante para que ocorresse essa mudança.

Furquim (2020) reconhece que essa nova concepção do valor da mulher na sociedade, deu abertura para um novo sistema social, com mudança de valores e condutas. Minayo (2006) compreende essa mudança, como uma desvalorização social da mulher, desencadeando a desigualdade de gênero, gerando poder ao homem e suas escolhas e oprimindo a mulher.

A igreja teve influência na assimetria entre os gêneros, passando as informações para a sociedade que a mulher era compreendida como um sexo frágil, que não poderia ser explorado, informando as crianças que o homem tinha dever de ser o chefe da casa, mandar e detentor financeiro. A mulher era vista como destinada por sua biologia a ser mãe e obrigada a ser grata a Deus pela sua família

e filhos, caso ela optasse por trabalhar fora de casa, era compreendida como responsável da desarmonia da casa e desestrutura familiar. (FURQUIM, 2020)

O machismo, junto ao patriarcado, começou a objetificar o gênero feminino, alastrando assim o costume socialmente, as mulheres eram vistas como objeto de poder e disputa. Furquim (2020) ressalta que a submissão e desvalorização do gênero feminino era o pilar da prática, onde o medo de se separar e estar sozinha no mundo eram um reforçador para que as mulheres não se opusessem e continuassem no relacionamento.

Esse ciclo de ações que o homem realizava, tinha a intenção de se beneficiar e gerar formas de negligencia contra a mulher, levando-a a uma submissão e consequentemente a violência simbólica. (SILVA; TANIZAKA; SOARES, 2018)

Com o crescimento da cultura patriarcal em uma visão mundial, como citado anteriormente, a mulher foi perdendo seu papel de igualdade na sociedade, sendo designada aos seus maridos e filhos, além disso, seu papel na economia começou a ser visto como detentora do suprimento alimentar, ou seja, cozinhar, doméstico e cuidadora de animais. É importante ressaltar que os pactos matrimoniais que foram surgindo, com o intuito de preservar a imagem do homem, abdicando os ideais da mulher, com a imposição social de fidelidade da esposa, exclusão patrimonial, ou seja, todos os bens do marido são destinados aos filhos, desqualificando-a e transformando-a em um objeto e propriedade de desejo do homem. (FURQUIM, 2020)

A harmonia do casal era compreendida como procriação, onde a criação dessas crianças socialmente eram pilares para determinar a visibilidade positiva dos mesmos, conservando assim a sua espécie. Além de gerar essas vidas, a sociedade compreendia que a mulher era a única que poderia educar os próprios filhos com perfeição, resultando em mais um fator de opressão. (FURQUIM, 2020)

Após o patriarcado ter sido instalado, a mulher começou a ser considerado um indivíduo frágil, oprimida e sem possibilidade de pensar, agir ou falar, tudo isso era determinado por seu companheiro. Maradei e Santos (2017) compreendem que as únicas funções que a mulher tinha dentro da sociedade, era cuidar da família e ter filhos, não havia a possibilidade de participação social, o gênero feminino não tinha escolhas, não podia votar, trabalhar fora, ou realizar qualquer ação comum que o gênero masculino fazia, mostrando quanto o machismo e o patriarcado afetava negativamente as mulheres, sendo considerada muitas vezes como violência, seja

ela psicológica, física ou sexual.

Em uma análise histórica, Maradei e Santos (2017) constatam que a cultura machista enraizada na sociedade ao longo dos anos foi oprimindo com radicalidade, fazendo com que homens compactuem com situações e atos, como uma forma de manter as raízes, em que mulheres eram diminuídas e até zombadas por terem sido violentadas, tornando-os corresponsáveis, por estarem negando a voz de uma mulher, sendo mais um ato de violência, mesmo que não tenha tido contato físico, tem o mesmo peso.

Furquim (2020) contextualiza o início do patriarcado no Brasil e suas consequências para o gênero feminino, que teve início na colonização do Brasil com chegada dos europeus, gerando uma brusca mudança social, sendo a pioneira no desenvolvimento brasileiro das violências culturais. A população indígena que habitava não podia se expressar da maneira que estava habituada, sendo forçada pelos portugueses a ter novos hábitos, pois não havia uma compatibilidade cultural entre esses povos, gerando assim violência estruturada. (MINAYO, 2006) Esses povos eram violentados por seguirem seus costumes, marcando o desrespeito e exploração por essa sociedade, que não respeitava a cultura nativa brasileira.

Minayo (2006), explica a criação do povo brasileiro, ou seja, os novos herdeiros, após ele ter sido colonizado (ocorreu entre os séculos XVI e XIX), as mulheres, sejam elas índias ou negras, que foram trazidas para o território, eram escravizadas e estupradas, formando assim a nova população, fruto da violência contra a mulher e muita intolerância cultural. Essa situação histórica além de toda exploração cultural e miscigenação, por meio da violência, iniciou o comportamento patriarcal e machista, permitindo assim que a mulher dentro da sociedade fosse diminuída, só por ter nascido mulher, aumentando o índice de desigualdade por gênero. (SANTOS; OLIVEIRA, 2018)

Para compreender melhor esse costume, é importante ressaltar que foi enraizada na sociedade brasileira uma cultura escravocrata, construída a partir de um modelo colonizador que se instalou. Foi evento complexo e cultural, que fez parte da construção da imagem da mulher como um indivíduo de mais vulnerabilidade e opressão, onde a força física masculina e papéis estereotipados, estamparam a sociedade desigual, tirando a voz da mulher, potencializando assim a agressão e a violência. (FURQUIM, 2020)

Furquim (2020) explica o marco relacionado o início dessas mudanças ao

sistema patriarcado. Na Revolução Industrial, as mulheres começaram a ser introduzidas no trabalho, porém é de suma importância ressaltar, que esse marco não foi uma virada que mudasse as condições que as mulheres se encontravam, elas foram inseridas no mercado, mas era vistas como inferiores e desmerecidas por seu trabalho.

Para Minayo (2006) o desenvolvimento da violência no Brasil após a colonização, fez com que a população evoluísse em diversos sentidos, como nas formas de agressão ao próximo, disputas, e na transformação das formas de pensar e agir. Resultando assim em tratamentos mais agressivos com as mulheres da sociedade, os costumes europeus tinham influência nesse tratamento mais hostil.

Outra forma de diminuição do gênero feminino era por parte dos estudos, Furquim (2020) constata que apenas em 1827 as mulheres puderam começar a ter acesso aos estudos, mas com muitas restrições, para que elas continuassem inferiores aos homens.

A autora Furquim (2020) por meio de clássicos da filosofia explica o contexto em que os relacionamentos eram estabelecidos, onde as mulheres eram vistas socialmente pela leveza do relacionamento, a possibilidade de ter inteligência era resultante da não possibilidade de ser amada, apenas os homens eram encarregados de possuírem conhecimentos, sendo conhecidos com o sexo forte.

A abolição dos escravos ocorreu em 1888, se tornando um marco, tendo em vista que a mulher negra sofreu diversos tipos de violência, sendo sexual, pelos abusos constantes que ela sofria dos senhores, que eram seus donos, por prazer ou para “procriação” de mais escravos, rendendo assim mais trabalhadores e lucros, não havia a possibilidade da mãe realizar o seu papel, isso era tirado dela, física pelas condições físicas em que elas passavam, psicológica, pela humilhação e estado desumano em que elas viviam, sendo queimadas e torturadas, é importante ressaltar, que no momento de escravidão, ambos os gêneros sofreram violências pelos senhores. (SANTOS; OLIVEIRA, 2018)

Em 1888 ocorreu uma mudança, fazendo com que os escravos pudessem ser soltos, fazendo alusão a uma vida digna, porém isso não condiz com as condições que eles realmente viveram após essa liberdade. Os estereótipos negativos da mulher e sua sexualidade se estenderam, a falta de sua voz na sociedade por sua etnia e gênero se perpetuou, restando assim os mesmos trabalhos que elas possuíam antes da abolição, sofrendo diversos tipos de violência

da mesma maneira, os autores enfatizam o quanto a luta feminista é crucial, para que em cenários atuais esse tipo de violação não ocorra novamente. (SANTOS; OLIVEIRA, 2018)

Após cem anos da abolição, ainda havia um alto índice de violência, mostrando que a mulher ainda ocupava o papel de submissa não só do homem, mas à sociedade como um todo, a legislação não oferecia maneiras de proteção e direitos voltados ao gênero feminino.

A forma que as mulheres eram tratadas desde os primórdios incomodava alguns indivíduos, de ambos os gêneros. Furquim (2020) explica que o posicionamento das mulheres para que a desigualdade, desrespeito, patriarcado enraizado e sexismo acabassem, começou a se fortalecer em 1980, no movimento das mulheres e feminismo, como uma forma de proteção e luta contra a violência contra a mulher.

Eles tinham como foco que as desigualdades de gênero cessassem, Krug e Dahlberg (2006) ressaltam que esse foi um passo significativo, para as mulheres.

Silva (2017) enfatiza como a mulher e seu corpo eram visto como um objeto de poder para o homem, um objeto onde ele é o detentor de escolha, seja onde ir, o que fazer, enfatizando que isso foi herdado da relação patriarcal, essa prática de dominação, muitas vezes é utilizada como uma ferramenta para que ocorra a violência com mais facilidade. Explicando a erotização do corpo feminino e diminuição do seu intelecto, onde o homem é detentor do pensar e saber.

As relações conjugais e conceito de amor eram compreendidos pela desigualdade de gênero e pelo poder que o homem pela mulher, mostrando a forma que as relações eram construídas. Explica que as relações de igualdade a sociedade relacionava como fruto de amizade, fazendo com que os relacionamentos dos indivíduos da época fossem assimétricos, onde o amor era compreendido pela sociedade como uma relação que não poderia haver rivalidade, ou seja, o homem teria que possuir poder e superioridade e a mulher acatar esses atos. (FURQUIM, 2020)

O início da conscientização da população, começou a criar sistemas e estratégias para combater a violência, assim como citado anteriormente, Krug e Dahlberg (2006) enfatizam a importância o movimento de ativistas contra o ato, como filosófico, religioso, até mesmo a legislação tentou retirar a violência da sociedade, porém nenhuma dessas ações foram eficazes. Por outro lado, essa

movimentação contribuiu para o início da conscientização social, passando essas informações para o povo, além de mostrar a incompatibilidade da civilização com atos violentos.

Esse marco contra os direitos do indivíduo tinha como concretização várias formas, como por exemplo o estupro, Minayo (2006) explica que quando uma mulher é violentada, os homens se sentem humilhados também, por estar na companhia dela, como esposa ou filha. Esse é um exemplo histórico de como a mulher pode servir na sociedade para infringir o ego do homem, ou seja, como ela é vista como um objeto de poder. (MINAYO, 2006)

Atualmente o Brasil é um país subdesenvolvido e com desequilíbrio populacional, seja economicamente ou racialmente, tem um ambiente mais propício para a violência estrutural, que cresce a cada dia, trazendo novas questões, que são fruto do desenvolvimento e globalização. Nos últimos 25 anos houve um grande aumento na exclusão social, tendo uma das principais causas os números alarmantes da violência, conseqüentemente causando mortalidade por homicídio.

É importante ressaltar que a luta ainda é pertinente, por mais que haja uma consciência maior na sociedade, o modelo patriarcal e a cultura machista ainda são predominantes em todos os continentes, pessoas que nascem com o gênero feminino, já carregam o peso de gerações que ainda não acreditam e desrespeitam a igualdade. Induzindo homens a acreditarem que possuem poder sobre as mulheres, deixando-as muitas vezes submissas, mostrando o legítimo machismo e dominação sobre a figura feminina. A violência simbólica é fruto desse sistema, onde gênero, ou seja, ser homem ou mulher possui influência na determinação em quem será o agredido e quem realizará o ato. (MARADEI; SANTOS, 2017)

Furquim (2020) constata que o crescimento populacional e social não foram fatores que aniquilassem a violência, predominando costumes enraizados. Reforçando que houveram mudanças e alterações, de acordo com a situação social do momento, atualmente as violências praticadas no Brasil, não são as mesmas que foram praticadas na época colonial, por exemplo, o que significa que os atos sofrem mudanças, mas a violência está presente da mesma maneira que antigamente.

Maradei e Santos (2017) explicam que a sociedade segue o mesmo conceito de violência, que ainda está enraizado, mas por outro lado, a forma com que as pessoas que praticam a violência se alteraram, pois a utilização do poder atualmente é outra, a forma de comunicação gerou essa mudança, permitindo o posicionamento

e interação entre os indivíduos por meio da internet. Sendo um canal para que as pessoas consigam expor seus ideais e eles gerem muitas vezes conflitos, concretizando esses atos de violência e saindo da área virtual, refletindo nos convívios sociais, como em escolas, restaurantes, ou qualquer ambiente populacional.

Maradei e Santos (2017) apontam a dualidade e como os meios digitais, junto com a esfera pública, expõem a mulher que foi vítima da agressão e para contrapor, acolhem dando apoio para procurar os direitos, seja pela internet, ou frases motivacionais expostas pelas ruas. Por outro lado, eles contextualizam formas midiáticas, de como a imagem feminina é passada para a sociedade, como submissa, estimulando a cultura de estupro, ou imposições machistas, como por propagandas, imagens ou qualquer forma de rede social.

É preciso compreender que o determinismo biológico em que a sociedade acredita, precisa ser desconstruído e compreender que o processo de violência está ligado a costumes socioculturais que trazem percepções de violência como algo natural do homem e suas relações, sendo necessário ser desconstruído. (TANIZAKA, et.al, 2020)

Segundo dados da Secretaria Especial para as Mulheres 43% das mulheres já sofreram algum tipo de violência. Considerando a problemática que está ligada a taxa alarmante de homicídio de mulheres, constatando que a continuação do contato ou relacionamento com o autor da violência tem influência no aumento dessas taxas. (FRUGOLI, et.al, 2019)

A partir da compreensão histórica, serão apresentadas formas de atuação psicológicas e ferramentas utilizadas para o amparo à violência.

2.4 VIOLÊNCIA E PSICOLOGIA

Compreendendo as divergências que a violência pode causar na vida do indivíduo violentado, ações ligadas ao setor da saúde são de suma importância. Enfatizando maneiras de enfrentamento que o apoio psicológico pode oferecer, como o auxílio na área jurídica, orientações educacionais relacionadas à sexualidade e maneiras de lidar com a violência, acompanhamento psicológico.

Como forma de amparo as vítimas a OMS propôs que o sistema de saúde dos países inclusos no relatório, realizassem atendimentos separados, com a intenção

de minimizar os traumas e incluir novas formas de prevenção a violência. (OMS, 2014)

Corroborando com isso, a OMS implementou nesse projeto de amparo, serviços focados na saúde mental das vítimas, porém o nível de execução dos países não chegou a 50%. Demonstrando a falta de interesses públicos ligados à saúde mental. (OMS, 2014)

O Conselho Regional de Psicologia (CRP) entende que a psicologia deve respeitar e lutar pela igualdade de gênero, com o intuito de compreender a feminilidade da sociedade, sem conceituação de estereótipos. Defendendo a igualdade de gêneros de acordo com as transformações sociais, para que as pessoas da sociedade, com o auxílio dos profissionais compreendam os direitos humanos, para que assim eles possam ser exercidos. (FRUGOLI, et.al, 2019)

Em muitos casos de violência, as vítimas não apresentam evidências físicas ou biológicas, que provem o crime, sendo necessário assim encaminhar para a perícia médica. Ela deve ser realizada com muita cautela, tendo em vista que a vítima foi abusada sexualmente. (SILVA, 2017)

É necessário compreender que a atuação do psicólogo não se limita nos atendimentos clínicos, ela se expande também para a área Jurídica, que tem como intuito contribuir por meio da lei, na resolução dos casos. Portanto processo ocorre junto ao depoimento das vítimas, e outros profissionais, que visam contribuir na realização da perícia, por meio da avaliação psicossocial, com o intuito de compreender o caso e encaminhar os envolvidos, de acordo com a demanda. (FURQUIM, 2020)

Pelisolli e Dell'Aglio (2014) ressaltam a importância da interdisciplinaridade entre o direito e a psicologia, compreendendo o fenômeno da violência e suas limitações apresentadas juridicamente relacionadas a crimes de violência, enfatizando assim a importância do acampamento psicológico, sendo uma importante forma de garantia de direitos dos indivíduos.

O papel do psicólogo é crucial nessa área, mas não se limita apenas na realização das perícias. Outro fator importante a se ressaltar é a importância da união da equipe multidisciplinar, com foco no amparo a vítima, tornando os procedimentos realizados pelos profissionais mais leves, dando uma escuta acolhedora à vítima. (SILVA, 2017)

Como forma de enfrentamento, Maradei e Santos (2017) explicam a

importância da conscientização social, desde a infância. Com o intuito de passar conhecimentos sobre violência, formas de prevenção e maneiras de enfrentamento caso venha ocorrer.

Corroborando com isso a educação sexual é uma importante temática a ser levantada na sociedade. O psicólogo possui cunho para abordar esse tema dentro da sociedade, por meio de palestras em escolas ou eventos. Porém é de suma importância que a didática abordada corresponda a idade dos ouvintes.

Dentro dessa temática, a apresentação e orientação são ferramentas cruciais para que indivíduos tenham conhecimento sobre o próprio corpo, com o intuito de compreender caso esteja em uma situação de violamento. Essa medida de enfrentamento não possui amparo legal em todos os estados para serem aplicados em escolas, variando com a temática abordada. (MINAYO, 2006)

A recuperação da igualdade social é um fator crucial para que haja a possibilidade de um desenvolvimento social saudável entre os gêneros. Psicólogos possuem um papel fundamental nessa luta visando à transformação social, conscientização dos hábitos enraizados, maneiras de enfrentamento e prevenção, com meta na igualdade de direitos humanos. Trazendo discussões sociais das questões de urgência relacionadas à violência, mostrando o sofrimento causado pelo ato e as consequências do mesmo para as mulheres e sociedade como um todo. (FRUGOLI, et.al, 2019)

Após a compreensão da luta social para extinguir a violência. É necessário apontar as formas com que a psicologia clínica utiliza junto a pessoa violentada para ressignificar a vivencia. (SILVA, 2017)

A vítima após a violência passa por diversas situações, como preconceitos sociais, familiares, falta de amparo, dentre outras situações pejorativas que já foram citadas, fruto da agressão. Portanto, o psicólogo tem um papel fundamental no momento de acolhimento nessa situação, de forma com que a experiência violenta que foi vivenciada não se estenda por mais momentos traumáticos.

Neste sentido, as perspectivas das teorias humanistas em psicologia, podem fazer uma leitura da condição des mulheres que sofreram qualquer tipo de violência.

Rogers (1992) em suas observações do comportamento humano ressaltou a importância da compreensão da singularidade de cada indivíduo, onde cada um possui um mundo particular, e ele corresponde às vivências e experiências de cada ser humano.

Essas experiências podem ser simbolizadas ou não. As experiências simbolizadas correspondem à vivências que foram para a consciência, isso ocorre de acordo com o próprio mundo interno do indivíduo, ou seja, uma experiência é simbolizada caso a experiência corresponda a um repertório interno coerente com o indivíduo que está experienciando. (ROGERS, 1992)

Uma experiência consciente corresponde à simbolização e para que ela ocorra é necessário que o indivíduo a relacione com algum desejo ou satisfação. Elas ocorrem apenas com uma pequena parte das vivências, fazendo parte da consciência do indivíduo. (SILVA; TANIZAKA; SOARES, 2018)

Sendo necessários acompanhamentos psicológicos, para ter um suporte, para que seja possível aos poucos acessar essas memórias e ressignificá-las. (PELISOLI; DELL'AGLIO, 2014)

As experiências não simbolizadas são ignoradas, pelo fato de não estarem relacionadas com qualquer tipo de satisfação do indivíduo. Elas ficando retidas no campo de percepções, abertas para a possibilidade de tornarem uma figura do consciente. (ROGERS, 1992) Compreendendo que a simbolização é ligada ao desejo e satisfação, quando um indivíduo é violentado, ele tende a reprimir e reter a vivência. (SILVA; TANIZAKA; SOARES, 2018)

Sobretudo Pelisoli e Dell'Aglio (2014) constatam que em caso de violências contra o indivíduo, é comum a negação e falsas memórias, quando há lembranças, elas podem ser distorcidas. Muitas vezes o erro dentro do indivíduo não é bem processado, tornando esse trauma oculto, como um mecanismo de defesa.

Assim como a forma de experienciar as vivências, a percepção de cada indivíduo é única, o autor ressaltou que o mesmo estímulo pode causar reações diferentes, podendo variar de acordo com a percepção sobre a situação, ou seja, quando há uma agressão, a reação de cada um condiz com a própria realidade interna. (ROGERS, 1992)

A relação do homem com o mundo exterior é dada pelas experiências do indivíduo e conseqüentemente suas percepções, formando a realidade pessoal. Quando há uma alteração na percepção, automaticamente as atitudes mudam. Portanto a forma com que ocorre a significação dentro do indivíduo durante a vivência da violência e pós o ocorrido, varia de acordo com sua percepção e particularidade. (ROGERS, 1992)

Corroborando com isso, Roger (1992) fez uma ressalva da relação do corpo físico e psíquico, e sua unicidade, onde o desequilíbrio de uma parte desse organismo totalitário desequilibra o restante. Sendo uma forma de explicar e compreender as possíveis disfunções que podem ocorrer após, como disfunções físicas e psíquicas.

O autor enfatizava a necessidade do indivíduo conscientizar-se de suas dores orgânicas, com a intenção de ressignificá-las e chegar à independência e autorresponsabilidade. Como forma de encontrar essa autorrealização, o processo psicológico possui grande influência, para compreender os significados de experiências negativas, que tendem a estar no inconsciente e reorganizá-las mentalmente, com o intuito de simbolizá-las e seguir com fluidez na vida. (ROGERS; 1992)

Portanto, quando ocorre a agressão, o indivíduo que foi agredido consegue aos poucos acessar essas memórias e ressignificá-las, com o intuito de seguir a vida sem que memórias negativas influenciem. (PELISOLI; DELL'AGLIO, 2014)

Sendo uma maneira continuar a experimentar a vida, sem a limitação do trauma. O processo ocorre quando o indivíduo possui a intenção de alcançar o desenvolvimento humano, por mais que haja sofrimento, ou seja, é necessário haver uma disposição em acessar os traumas, independente do que isso desencadeie. (ROGERS, 1992)

Conforme vai ocorrendo esse desenvolvimento, através de experiências, a percepção vai se modificando e o indivíduo vai se apropriando da sua estrutura do self, alterando e transformando o campo fenomenológico. (SILVA; TANIZAKA; SOARES, 2018) O acompanhamento psicológico é uma ferramenta crucial para a que a transformação do campo ocorra, pois a partir do momento em que o indivíduo se abre para a aproximação do self, o psicólogo por meio de ferramentas auxilia no encontro desse caminho.

As reações dessas experiências ocorrem de acordo com a percepção da realidade do indivíduo que está há experienciando, compreendendo que os atos são guiados pelas percepções do indivíduo. Portanto, quando o indivíduo é agredido, os atos do mesmo, se alteram de acordo com a compreensão individual em se manter vivo. (ROGERS, 1992)

Rogers (1992) classificou as emoções vivenciadas em dois grupos distintos (positivas e negativas), corroborando que elas foram compreendidas como forma de preservação e aperfeiçoamento do organismo.

O primeiro grupo está relacionado às emoções e sentimentos desagradáveis, e sua presença, desde que não sendo em excesso, podem gerar um efeito de integração e organização. Elas propiciam atitudes ao indivíduo, com a intenção de achar maneiras de sair de uma situação de perigo, como por exemplo passar por uma violência. (ROGERS, 1992)

Em controversa, em uma situação de violência, outro indivíduo violentado com um campo percepção diferente, pode apresentar disfunções em suas emoções e elas podem causar efeitos negativos. (ROGERS, 1992)

Como citado anteriormente, Rogers explica que a necessidade de cada indivíduo varia de acordo com o nível de satisfação interna e sua estrutura de referência, compreendendo assim que cada emoção é simbolizada de acordo com a experiência individual. Demonstrando as possibilidades de representações e intensidades que as emoções significam, relacionadas a atos e objetos, sendo alterada de acordo com a apropriação do Self e transformações que ela acarreta. A estrutura do Self é formada da interação do indivíduo com o ambiente e com outros indivíduos. (ROGERS, 1992)

Portanto a vivência de uma violência pode casar diferentes reações em diferentes indivíduos. A forma com que ela será experienciada irá variar de acordo com o mundo interno, proporcionando visões e percepções distintas de uma mesma situação.

Rogers (1992) compreende esse mundo privado é conhecido apenas pelo próprio indivíduo, de forma completa e autêntica, e ele está em constante desenvolvimento. Portanto a compreensão do mundo fenomenológico de alguém é pelo campo de observação do indivíduo, que está sendo observado e por sua percepção, saindo do seu próprio centro e crenças, possibilitando observar as experiências da vida sem julgamento e valores pessoais. (ROGERS, 1992)

Quando o observador compreende um comportamento pela estrutura de percepção que a pessoa que está sendo observada está vivendo, os julgamentos e estranheza desaparecem, e a empatia entra, pois gera a compreensão do mundo experimentado. Dentro dos atendimentos psicológicos esses são os pilares fundamentais, para que o processo de ressignificação estabeleça.

A forma com que essa vivencia será absorvida, influenciará na vida do indivíduo que experienciou. Para conceituar essa influência, o autor explicou que o bebe vivencia experiências não verbais entre ele e o ambiente, que proporcionam o acesso à consciência das coisas e situações que ele gosta ou não gosta. Sendo uma representação da organização das experiências não verbais pelas que serão valorizadas e pelas que serão negadas, por ameaçarem ou por não preservarem o Self do indivíduo. (ROGERS, 1992)

Essa elucidação faz alusão a vivencia de um indivíduo que passou por uma situação de violência, a forma com que ele absorverá os julgamentos sociais, podem influenciar diretamente em seu campo fenomenológico, possibilitando a simbolização distorcida e desajustamentos psicológicos. (ROGERS, 1992)

A distorção ou negação são formas de excluir as experiências que não correspondem com a satisfação pessoal do indivíduo, como por exemplo quando não há lembranças significativas da vivencia referente a agressão, é uma forma de proteger o campo fenomenológico e introjetar a experiência. (ROGERS, 1992)

O self é formado pelas experiências normais e distorcido que ocorrem, gerando percepções individuais relacionadas ao ambiente e ao próprio indivíduo. Portanto as experiências e valores de um indivíduo correspondem com a sua individualidade e de seu organismo como todo. (ROGERS, 1992)

Existem três tipos de experiência. As experiências vividas que são simbolizadas, as que não são simbolizadas e as nulas. Portanto essas experiências não simbolizadas ficam apenas na parte sensorial e conseqüentemente são ignoradas, pois não satisfazem a necessidade do Self ou apresentam algum tipo de incompatibilidade, ou seja, essas experiências fazem parte apenas da experiência orgânica do indivíduo que está vivenciando. (ROGERS, 1992)

Algumas experiências não simbolizadas, que são ignoradas pelo fato de não estarem relacionadas com alguma satisfação do indivíduo, mesmo que a hipótese não seja confirmada ou testada, possuindo o mesmo grau de importância das que foram.

As experiências simbolizadas e conscientes são aceitas pelo Self por serem coerentes ou por se relacionarem com alguma necessidade. (ROGERS, 1992)

O terceiro tipo, as experiências ocorrem quando a representação da experiência orgânica existe no indivíduo, mas a sua simbolização não. Sendo uma forma do Self se proteger e não absorver traumas, ocorre como uma forma de

proteção do Self, em distorção da situação vivida. Com a intenção de não permitir algo incompatível, refletindo assim em sensações orgânicas, como dores de cabeça, enjoo dentre outras formas, sendo uma maneira de impedir a entrada dessa experiência no campo simbólico. (ROGERS, 1992)

Rogers (1992) descreveu sobre situações de perigo ou emergenciais, o indivíduo toma uma atitude para não se prejudicar fisicamente, como forma de se beneficiar, não há controle nesse comportamento ocorrido pelo Self. Esse comportamento é determinado pela organicidade do indivíduo, ou seja, existem comportamentos que são executados por meio fisiológicos, que realizam a satisfação do organismo, da mesma forma como o Self.

Rogers (1992) explicou sobre o ajustamento psicológico e sua relação com a consciência. Onde o indivíduo e sua realidade estão relacionados ao autoconceito, que correspondem à amplitude da percepção relacionada a todos os momentos de sua existência, causando assim o ajustamento psicológico, que corresponde a sua integração pessoal. Esses momentos que são reconhecidos fazem com que a parte interna do indivíduo se conheça através dessas experiências sensoriais e viscerais, sendo coerente ao seu Self, resultando no crescimento pessoal. Como forma de concretizar o crescimento e ressignificação, o processo pedagógico é um aliado fundamental (SILVA; TANIZAKA; SOARES, 2018)

O indivíduo realiza ações e comportamentos que supra a necessidade orgânica e que seja coerente com o Self. Os comportamentos neuróticos possuem essa tendência, onde o indivíduo procura realizar ações que condizem com o seu Self, por mais que elas causem disfunções orgânicas. (ROGERS, 1992)

A estrutura do Self reage com percepções de ameaça. As situações e experiências que não são congruentes com o Self são vistas como ameaça, mobilizando uma organização interna como forma de combate. Iniciam-se formas de defesa com o objetivo de manter a estrutura e reduzir os possíveis danos que podem ser causados. Essas formas são por meio de negações ou distorção da experiência que gerou a ameaça, reduzindo assim para um comportamento defensivo, distanciando a percepção da ameaça inicial e distorcendo a experiência vivida, como forma de limitar o acesso. A vivência da violência elucida a reação do self. (ROGERS, 1992)

Rogers (1992) descreveu sobre o desajustamento, relacionando comportamentos que não são correspondentes ao Self, são experiências não

conscientes e negadas, representadas por sensações de angústia e ansiedade, como forma de expor pensamentos e comportamentos que internamente o indivíduo em mundo de experiência se apresenta com incoerência. Essas experiências não são compatíveis com a estrutura do Self, demonstrando a importância da resignificação. Um forte aliado nesse processo, é o psicólogo, que tem como foco, junto ao cliente, de forma com que ele acesse a vivência com mais leveza. (ROGERS, 1992)

As experiências inconscientes do self, são protegidas e rígidas de acordo com o nível de inconsciência, fazendo com que o indivíduo fique na maior parte das vezes na defensiva. Por outro lado, a psicoterapia auxilia as experiências e suas subjetividades a serem acessadas, sendo uma forma de encorajar a pessoa a se abrir, a compreensão empática também é um fator que possibilita o Self a não se sentir ameaçado pelas simbolizações não aceitas, mudando os valores e tornando a pessoa mais segura, possibilitando o contato com experiências mais diretas. (SILVA; TANIZAKA; SOARES, 2018)

A aceitação do indivíduo reflete positivamente em sua relação pessoal e com o mundo. A percepção do campo apresenta-se com clareza e conseqüentemente a aceitação ocorre pela consciência e integração das experiências vivenciadas, minimizando a sensação de ameaça do Self e automaticamente extinguindo as ações defensivas.

Rogers (1992) contextualizou uma nova vivência para o indivíduo, onde os valores que foram introjetados nele desde crianças, começam a não fazer mais sentido, compreendendo que eles correspondem ao campo perceptivo de pessoas que fizeram parte do convívio. Possibilitando que o indivíduo compreenda os próprios valores internos, realizando simbolizações conscientes de experiências e atitudes, equilibrando assim todas as necessidades particulares. (ROGERS, 1992)

Por outro lado, no ponto de vista da própria dinâmica da Personalidade da pessoa há de se considerar os aspectos e suas características de personalidade sobre como as mulheres são vistas e tratadas na sociedade, compreendendo a resistência em que os homens possuem em aceitar o empoderamento feminino, como uma forma pessoal em não permitir que a situação ameaçadora ocorra.

Com foco em outra perspectiva, quando há uma situação de violência, é comum que a percepção seja alterada e experiências não seja simbolizada, como uma forma de proteção do Self. Parte dessa não simbolização pode corresponder

ao medo dos julgamentos sociais e a outra parte por medo do que essa vivência pode gerar psicologicamente e fisicamente. Portanto como forma de proteção do organismo como todo, essa vivencia tende a ser reprimida ou distorcida.

Corroborando com isso, o amparo psicológico é um dos processos fundamentais para que o organismo consiga viver por meio da resignificação dos traumas e experiências não simbolizadas, uma vida com fluidez.

A partir da conscientização da importância do acompanhamento psicológico ligado a violência. Serão apresentadas as violências que ocorrem contra as mulheres.

2.5 TIPOS DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Existem diversos tipos de violência na sociedade, como Violência contra Criança e Adolescente, Violência contra a Mulher, Violência contra o Idoso, Violência de Gênero, Violência Intrafamiliar, Violência Física, Violência Institucional, Violência Moral, Violência Patrimonial e Violência Psicológica, Violência Sexual, dentre outras. É importante compreender que algumas violências citadas atingem ambos os gêneros, porém o maior índice mundial afetado, são as mulheres. (BRASIL, 2018)

O numero de pessoas vítimas de violência constatadas desde 2000 são alarmantes e superam o número de mortes causadas por guerras. “Atualmente mais de 1,3 milhão de indivíduos são mortos anualmente por consequência da violência, correspondendo a 2,5% da mortalidade global. Em indivíduos entre 15 e 44 anos a violência é a principal causa de morte.” (OMS, 2014, p.2)

A violência se revela de diversas maneiras de acordo com o contexto social e histórico, seguindo padrões de acordo com a época ocorrida. A mulher historicamente foi violentada dentro de um parâmetro social, seja em sua opinião, direitos, sexualmente, fisicamente, psicologicamente, dentre outras violências. (FURQUIM, 2020)

Brasil (2018) divide a violência contra a mulher em cinco categorias principais, sendo importunação sexual, violência online (crimes contra a honra), estupro, feminicídio e violência doméstica. Esses crimes são uma maneira de oprimir e violar a integridade da mulher, seja a ação física, psicológica ou sexual.

A cultura escravocrata tem influência na violência de gênero e atos enraizados contra a mulher e sua etnia, Santos e Oliveira (2018), enfatizam que a

violência contra a mulher é marcada pela desigualdade de gênero e predominância de poder nas relações sociais, designando assim atos violentos, influenciando diretamente na dignidade, liberdade e questões de humanidades básicas do gênero feminino. A violência contra a mulher é uma forma de negligência, opressão, crueldade e exploração. (TANIZAKA, et.al, 2020)

Furquim (2020) relata que o fenômeno da violência vindo do gênero masculino correspondendo a um índice alarmante, tendo em vista que esses abusos têm como objetivo o controle do gênero feminino, mostrando traços enraizados do costume na sociedade.

Considerando a violência de gênero uma violência que ocorre entre os dois gêneros, buscou-se compreender o porquê essa temática liga diretamente ao gênero feminino. Compreendendo pela assimetria dos números, mostrando a predominância e a dominação referente ao fenômeno da violência contra a mulher, em escala mundial, onde segundo o OPAS/OMS (2017) 35% das mulheres já sofreram ou sofrem alguma violência pelo parceiro íntimo ou terceiros no decorrer da vida.

Corroborando com isso, a violência de gênero é fruto da discriminação contra a mulher, onde os autores de violência contra as mulheres coíbem de alguma forma em seus direitos e igualdades sociais. Esse fator está ligado diretamente a outras violências como por exemplo a doméstica, explicando os números de feminicídio. (SANTOS; OLIVEIRA, 2018)

A violência física é o ato mais reconhecido mundialmente como violência, correspondendo a qualquer ação que vise reprimir através da força, violando a integridade física do indivíduo, as ações podem ser desde tapas, puxões, empurrões, até homicídios. (FURQUIM, 2020)

A violência moral é compreendida pelo desprezo, xingamentos e humilhações. Algum ato que o gênero masculino realiza no cotidiano com intuito dessa violação, como interromper a fala, com a intenção de calar ou diminuir a presença do indivíduo, porém é de suma importância ressaltar que a maior taxa de ocorrência é com o gênero feminino, com o intuito de vetar a participação social, seja em algum debate ou conversas do cotidiano. (FURQUIM, 2020)

A violência psicológica é considerada como uma forma de violência simbólica, sendo compreendida pela violação do equilíbrio psicológico da mulher. Ela pode ser fruto de outra violência, como por atos de controle, ordens, restrições, que geram

muitas vezes submissão e sensação de incapacidade, conseqüentemente atingindo a autoestima. (FURQUIM, 2020)

É uma ação subjetiva e silenciosa, muitas vezes não identificada pela sociedade e julgada quando exposta, vista como exagero e sensibilidade, como se o assédio ou violência fosse fruto da imaginação dela. (SILVA, 2017)

A violência no meio acadêmico se caracteriza por diversos tipos de atos, como desmerecer o conhecimento ou a inteligência da mulher, colocando-a como incapaz e/ou ignorante (FRUGOLI, et al, 2019). Muitas vezes o gênero masculino repete a mesma informação da mulher, como forma de opressão e diminuição intelectual. Outro fato é a apropriação de estudos da mulher, como forma de desvalorização.

O crime contra a honra é uma das formas de realizar difamação, calúnia, ou injúria. Os meio de comunicação são fortes proliferadores de violência ligada a comunicação. Maradei e Santos (2017) apontam em suas pesquisa por meio de levantamentos, que há um alto índice de vítimas de violência virtual, ou por qualquer meio de comunicação, sendo importante enfatizar que o mundo virtual possui uma ampla gama de acessos por segundos, então além e todo o lado psicológico que pode ser atingido via internet, notícias, fotos, vídeos, podem ser transmitidos em segundos e chegar a um número de acessos consideráveis, dando muitas vezes muitas visualização a um crime.

Os dados apontam que a maior parte dos autores de violência contra as mulheres compartilha ou já compartilhou laços de intimidade com a vítima, quer seja como companheiro, ex-companheiro, ou ainda como parente. Principalmente quando falamos em crimes contra a honra relacionados á intimidade sexual. Em contra partida os desconhecidos despontam com 31,2% dos registros de agressão, mas seus crimes contra a honra estão mais relacionados a xingamentos em redes sociais. (BRASIL, 2018, P.67)

Pelisoli e Dell'Aglio (2014) citam que outra forma de violação de direitos, é a violência no trabalho, onde crianças e adolescentes muitas vezes se encontram em situação de diversas formas de poder, seja psicológico, sexual ou física. Sendo importante ressaltar que perante a legislação, eles são proibidos de trabalhar, tornando o ato já exploratório. Sendo importante enfatizar que essa violência influencia também o gênero feminino e tem reflexos negativos futuros. (SANTOS; OLIVEIRA, 2018)

O Relatório Mundial da Saúde compreende a violência interpessoal como

ações que causam maus tratos, violência sexual, violência relacionada ao parceiro íntimo e violência em idosos. Esse tipo de violência tende a continuar na vida do indivíduo por mais tempo do que outros tipos, pelo nível de contato e convivência com o autor da violência. (OMS, 2014)

Para Minayo (2006), os tipos de violências mais ocorrentes são a intrafamiliar e dentro da comunidade, isso tem fruto da pós-modernidade e globalização, onde a sociedade se modificou e se alterou, e a violência cresceu. Compondo em novos modelos familiares e caracterizando em novas formas de agressões.

A violência intrafamiliar Furquim (2020) consiste na realização do ato por pessoas da mesma família ou pessoas sem relação consanguínea que ocupam lugares dentro de uma família, provocando alguma violência ou conflito, seja ele físico, moral ou psicológico em relação a outro membro da família. O ato pode ocorrer dentro do espaço físico onde os integrantes da família mora, ou em algum local externo. O que caracteriza o ato é o fenômeno ocorrer entre os membros. (SANTOS; OLIVEIRA, 2018)

A violência doméstica pode ser compreendida como similar a intrafamiliar, ou seja, a ocorrência pode vir de pessoas da família ou sem laço parental, mas há convivência familiar, a sua diferença, é que a violência é fruto da relação de gênero, ou seja, a mulher é agredida por ser mulher, o Mapa da Violência consta que “14.796 casos de violência doméstica em todas as unidades federativas.”, as mulheres que são agredidas não se limitam apenas em companheiras, se estendem a filhas, sobrinhas, enteadas e primas.(BRASIL, 2018, P.25) Já a violência conjugal não difere gênero, portanto homens também são agredidos, mas é importante ressaltar, que os maiores números de vítimas, são as mulheres. (FURQUIM; 2020)

Nem toda violência doméstica deixa marcas. As agressões podem ser de natureza física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Também é considerada violência doméstica o abuso sexual de uma criança e maus tratos em relação a idosos. (BRASIL, 2018, P.24)

Frugoli et al. (2019) constata que em uma pesquisa realizada pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 20% das mulheres já foram vítimas de violência doméstica.

Corroborando com o fenômeno de violência doméstica, o Brasil (2018) apresentou informações comprovando que 58% dos casos analisados, o ato violento

foi causado por marido, namorado ou ex-maridos, sendo que 30% dos mesmos causaram também violência sexual (10%) e física (60%). Dentre o outro índice de violência doméstica está 48% dos casos ligados a avôs, pais, padrastos. As vítimas possuem entre 18 e 59 anos.

A cada 17 minutos uma mulher é agredida fisicamente no Brasil. De meia em meia hora alguém sofre violência psicológica ou moral. A cada 3 horas, alguém relata um caso de cárcere privado. No mesmo dia, oito casos de violência sexual são descobertos no país, e toda semana 33 mulheres são assassinadas por parceiros antigos ou atuais. O ataque é semanal para 75% das vítimas, situação que se repete por até cinco anos. Essa violência também atinge a parte mais vulnerável da família, pois a maioria dessas mulheres é mãe e os filhos acabam presenciando ou sofrendo as agressões. (BRASIL, 2018, p. 6)

A violência sexual é compreendida como qualquer conduta com intenção de violência, violação ou ameaça, que tem como intenção infringir a dignidade da vítima. A principal característica do ato é a falta de consentimento, e uma em quatro mulheres já sofreram violência sexual. (BRASIL, 2018)

A violência ligada a sexualização da mulher e sua etnia, é muito comum na sociedade, a cultura machista e costumes da heterossexualidade ligam os moldes e pensamentos sociais, deixando as mulheres em situações de vulnerabilidade e possibilita a violência, como por exemplo a erotização da mulher negra. Essa desigualdade causa um impacto negativo e um número de violências sexuais, pelos padrões escravocratas referentes aos corpos dessas mulheres. (SANTOS; OLIVEIRA, 2018)

O feminicídio é um problema Global, Brasil (2018) ressalta que 15.925 mulheres foram assassinadas em situação de violência doméstica e/ou familiar, sendo 95,2% por companheiros ou ex-companheiros, sendo um fenômeno causado pela falha de proteção a vítimas de violência e conscientização social de outras violências que desencadeiam essa.

Cerca de 6,7% das vítimas de feminicídio possuíam menos de 18 anos de idade. A maioria (90,8%) das mulheres assassinadas nessa condição tinham entre 18 e 59 anos de idade. As idosas foram vítimas de feminicídio em 6,7% dos casos noticiados pela imprensa brasileira entre janeiro e novembro de 2018. (BRASIL, 2018, P.55)

Furquim (2020) se refere a violência como um problema secular, que se

expande em números alarmantes. Tendo em vista a temática do TG, será discutido no próximo tema com mais profundidade a Violência Sexual e os desdobramentos do fenômeno.

2.6 VIOLÊNCIA SEXUAL E SAÚDE

A violência sexual é compreendida de diversas formas, não existe uma rotulação para caracterizá-la, mas entende-se como qualquer ato ou tentativa sexual indesejada, para OMS:

O crime de estupro é definido como qualquer conduta, com emprego de violência ou grave ameaça, que atente contra a dignidade e a liberdade sexual de alguém. O elemento mais importante para caracterizar esse crime é a ausência de consentimento da vítima.

É importante salientar que não é preciso haver penetração para que o crime se caracterize como estupro. Desde 2009 o Código Penal Brasileiro prevê, no artigo 213, que o estupro acontece quando há, com violência ou grave ameaça, conjunção carnal ou prática de atos libidinosos. (BRASIL, 2018, p. 8)

O abusador vê o ato sexual forçado como forma de poder e dominação que está exercendo sobre a mulher, resultando em prazer para ele. É importante ressaltar que a violência pode ocorrer também dentro de relacionamentos, Furquim (2020) constata que uma em cada quatro mulheres já sofreram violência sexual pelo parceiro íntimo, Brasil (2018) relata que 50% dos casos de estupro são realizados por maridos, namorados, pais, tios, avós ou qualquer outra pessoa que faz parte do convívio.

A sexualidade é uma troca, onde ambos indivíduos que estão participando, precisam sentir prazer. Portanto, quando um dos indivíduos não está confortável no ato sexual, é crucial que seja falado para o parceiro, para que o ato não torne violência, enfatizando a importância da conscientização do limite do outro e do próprio limite.

Furquim (2020) pontua que os defensores de direitos humanos tentam compreender e conceituar as formas de violência e como podem ocorrer, como uma forma de prevenção e combate. Outra forma de compreender, é por meio das áreas afetadas e locais que elas atuam, como o setor de saúde e jurídico.

A violência sexual ocorre com todos, não diferindo pessoas na sociedade por seu sexo, idade, etnia ou contexto social. (MINAYO, 2006) Portanto, é possível

constatar que homens e mulheres sofrem a violência, porém nas últimas duas décadas, entidades ligadas aos direitos humanos e organismos internacionais como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) mostraram que o número de violências pelo gênero feminino é alarmante e cresce a cada dia.

O Mapa de Violência mostrou que em 2018, 48% das vítimas possuíam menos que 14 anos, 18% entre 15 e 18 anos, 35% entre 18 e 59, e 4% até 60 anos. (BRASIL, 2018). Silva (2017) ressalva que o Ministério da Saúde (2012) diz, que abuso sexual é uma pandemia que atravessa gerações, produzindo vulnerabilidade e insegurança constante.

Como citado acima, violência é um caso de saúde pública, pelo fato que há um alto índice de pessoas violentadas que adoecem, recaindo sobre esse órgão público, além dele, é importante ressaltar a complexidade da problemática que afeta outros órgãos também como jurídico, político etc.

No Brasil é definido juridicamente como sendo o ato de “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso.” (BRASIL, 2018, p. 27)

A adolescente vítima do crime de estupro coletivo não foge às estatísticas: 70% das vítimas desse crime são crianças e adolescentes, 88,5% são mulheres e os adolescentes estão mais sujeitos aos estupros coletivos. No caso dos autores de violência, 96% são homens, e quanto mais sobe a faixa etária da vítima, maior a probabilidade de o autor ser um estranho. Entre 20 e 40% dos casos de estupro estão associados à ingestão de álcool. (MARADEI; SANTOS, 2017, p. 163)

Segundo o Código Penal Brasileiro no artigo 213, caput, (Lei nº 12.015, de 2009), o estupro é dado pelo ato de constrangimento, realização de violência ou ameaça, que gere alguma ação libidinoso. (BRASIL, 2018)

Muitos abusos são cíclicos, o indivíduo que realiza o ato de violência, busca muitas vezes outros abusos para solucionar outros problemas, ou outros abusos, muitas vezes associam as agressões a algo pejorativo a vítima, sentindo-se culpado, mas logo ocorre alguma circunstância em que o controle é perdido, voltando a prática de agressões. (FURQUIM, 2020)

É importante constatar que existem vários danos que podem ocorrer, para as vítimas que sofreram o abuso como psicológicos, físicos e sociais, desencadeando ansiedade, depressão, problemas gástricos, aumento no índice de utilização de

álcool e drogas, além do trauma físico. (FURQUIM, 2020)

Segundo o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde existem impactos diferentes no indivíduo de acordo com a fase de vida que se encontra, segundo Minayo (2006) quando ocorre o abuso durante a infância diferentes áreas são afetadas como funcionamento emocional, cognitivo, aumenta a possibilidade de índice de maus comportamentos e de problemas relacionados a saúde do indivíduo, dificultando também o meio social, outro fato importante a ser pontuado é a possibilidade do próprio indivíduo repercutir na vida adulta a prática da violência sexual. Já no adulto os traumas podem ser diretos, possibilitando até o indivíduo chegar a óbito. (OMS, 2014)

A partir da definição de violência sexual, será colocado no próximo tema, a violência em universitárias.

2.7 VIOLÊNCIA EM UNIVERSITÁRIAS

A complexidade da violência, é uma problemática que envolve diversas resultantes negativas, como danos e sofrimentos à vítima. Ressaltando que os atos que ultrapassam a agressão física, é necessário compreender que existem amplas maneiras de agredir o gênero feminino. (Frugoli et al., 2019)

O ato violento é um costume sociocultural, Frugoli et al. (2019) por mais que as culturas sejam distintas, EXISTE um padrão de semelhança nos atos, mostrando que a violência contra a mulher no âmbito universitário condiz com o mesmo fenômeno, onde a opressão e desigualdade existem.

O ambiente acadêmico é um centro de desigualdade de gênero, como citado anteriormente. A mulher foi conquistando o seu espaço na sociedade, a possibilidade de estudar foi uma delas, tendo em vista que as mulheres só podiam estudar até o primário a umas décadas atrás. Compreendendo assim que o ambiente é machista e essa desconstrução ainda traz resquícios atuais de discriminação e preconceito, desmistificando o conceito relacionado a condições biológicas, onde a sociedade acredita que cada gênero precisa realizar funções determinadas. (FURQUIM, 2020)

Essas relações assimétricas entre os gêneros, são fruto das vivências culturais, sociais e políticas, que resultam na opressão da mulher. (FRUGOLI, et al, 2019)

Além da desigualdade, os ambientes universitários e suas diversidades possibilitam uma ampla gama de violência contra a mulher, como assédio direcionado ao gênero, violência sexual, exclusão física e ameaça entre os alunos, Tanizaka et al. (2020) ressalta que a maior parte das mulheres afetadas possuem entre 18 e 20 anos. Frugoli et.al (2019) consta que na vida das universitárias, elas estão sujeitas a sofrer pelo menos uma vez discriminação ou algum tipo de violência.

Tanizaka et al. (2020) ressalta que os jovens, fazem parte do maior número de estudantes das universidades possuem compreensão sobre o que é violência e sua ligação com a vulnerabilidade. Porém a compreensão deles sobre violência se limitam aos atos mais explícitos e conhecidos, como sexual ou assédio, muitas vezes não englobam ações voltadas ao gênero. Compreendendo que a violência de gênero é um fator velado, por influências culturais machistas naturalizando-o.

Outras violências comuns nesse âmbito são a psicológica e moral, onde pessoas do gênero masculino tentam diminuir e oprimir mulheres, por crenças sociais voltadas a superioridade. Outros atos que geram opressão são ameaça, discriminação, abuso de autoridade. Compreendendo assim a pluralidade da agressão pelo gênero feminino, fruto da contribuição cultural e social, que corroboram para tal. (TANIZAKA et al., 2020)

Jovens que possuem relações pessoais com outros jovens, em casos individuais de relacionamentos tóxicos, há índices consideráveis de violência de gênero, nem sempre esses relacionamentos são relacionados a casais, eles podem ocorrer em envolvimento esporádicos. Porém o fator da violência muitas vezes é justificado como privacidade do casal, e que existe “amor”, como uma forma de desconsiderar a verdadeira situação do ato. (TANIZAKA, et al., 2020)

Frugoli et al. (2019) aponta em seus estudos, que a violência contra a mulher universitária não está limitada em contexto nacional. Países como Estados Unidos, Canadá, Espanha, Colômbia, Caribe e México corroboram com a aplicabilidade de violência de gênero e desigualdade.

É de suma importância as universidades possuírem formas de enfrentamento, porém muitas vezes acreditam que esse problema social não condiz a uma esfera coletiva, compreendendo que a resolução cabe aos indivíduos envolvidos. O autor ressalva que eles compreendem o ato como um fator social relacionado a ser mulher, sendo a possibilidade de ser violada em qualquer local que esteja.

(TANIZAKA, et al., 2020)

Tanizaka et al. (2020) compreende que diferentes ações podem ser implementadas como uma forma de conscientizar esses indivíduos, como a conceituação de um relacionamento tóxico e violento, a fim de promover a prevenção. Uma forma citada é por meio dos estudos e pesquisas, a universidade estimular a compreensão do fenômeno e o que desencadeia o comportamento violento desde os primórdios, observando assim as consequências causadas por esse relacionamento.

Frugoli et al. (2019) faz uma ressalva na maneira de enfrentamento em relação aos tipos de violência que ocorrem no âmbito universitário, constando que a violência ao parceiro, onde foi indicada uma duplicidade dos gêneros realizando os atos, com um percentual semelhante. Pontuando a necessidade de abordar e prevenir para ambos os gêneros.

Essas implementações do combate à violência de gênero, além de validar toda a luta feminista e dar visibilidade para as ocorrências, é uma forma de prevenção a danos na saúde da mulher. (TANIZAKA et al., 2020) Frugoli et al. (2019) constata que falar sobre o fenômeno e suas consequências, é uma forma de obter um pensamento crítico, que causa reflexão social, como uma maneira de promover a saúde da mulher e sua qualidade de vida.

A autora pontua a necessidade em dar voz para as mulheres falarem e opinarem sobre o fenômeno da violência de gênero, proporcionando um olhar social em relação à luta de igualdade em que as feministas realizam. (SILVA, 2017) Sendo um passo social significativo e um fator positivo para pessoas se espelharem, no caso da violência de gênero dentro das universidades, seria uma forma de mulheres universitárias se sentirem seguras, para se expressarem e em caso de violência, procurarem meios legais. (TANIZAKA, 2020)

Compreendendo a importância de combater o fenômeno, serão apresentadas no próximo tema Ações e enfrentamento, com ênfase nas fases históricas para combater a violência e buscar a igualdade de gênero.

2.8 AÇÕES E ENFRENTAMENTOS À VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Após a conceituação da violência de gênero, é possível pontuar que o sistema patriarcado enraizado na sociedade e costumes machistas possuem

influências nas agressões, fazendo com que as mulheres buscassem soluções e maneiras de enfrentamento, para que as relações fossem igualitárias. (FURQUIM 2020)

A sociedade estando conscientizada das diferentes formas que podem ocorrer a agressão e aberta para mudanças nos padrões sociais, inicia a desmistificação da cultura violenta. Ela é enraizada e muitas vezes oculta, fazendo com que os indivíduos não pensem sobre e naturalizem. A participação ativa da sociedade possibilita a mudança, tendo como foco o direito das mulheres, retirando discriminação e preconceitos relacionados ao gênero feminino. (MINAYO, 2006)

A movimentação entre as mulheres iniciou entre o século XX, com foco na luta da igualdade e luta política. No Brasil a luta iniciou-se por volta de 1910, com o mesmo cunho social que o início do movimento. Outros lugares do mundo estavam evoluindo em questões de representatividade, o Brasil estava na transição entre evolução cultural, que auxiliava na luta e ditadura militar, impedindo com que o movimento crescesse. Em 1970 começaram as primeiras manifestações.

Após a redemocratização, a luta ganhou força e iniciou um processo ampliar os ideais da luta. O intuito era passar informações para a sociedade referente às suas reivindicações, com o foco em acabar com a desigualdade de gênero. Essas ativistas utilizavam diversos meios de propagaram seus ideais, como por diálogos em universidades, mídias, política, dentre outras. Essas mulheres iniciaram então uma ruptura nos padrões sociais impostos ao gênero feminino, possibilitando a visibilidade feminina e dando força para o início da redemocratização e configurações relacionados ao gênero feminino. (SILVA, 2017)

O cenário de conquistas dos direitos das mulheres foi lento, o papel e representação da mulher na sociedade foi se alterando. Marcos históricos foram responsáveis por essas mudanças, como cenários pós guerras, onde novas compreensões sobre sociedade e igualdade foram estabelecidas. (FURQUIM, 2020)

Outro marco no feminismo foi em 1949 quando a francesa influenciadora e escritora Simone de Beauvoir, escreveu o livro "O Segundo Sexo" causando um impacto social. O livro colocava os leitores à compreensão e questionamento sobre a desnaturalização do contexto que a mulher socialmente era imposta, mostrando formas da mulher se valorizar, não a deixando ser oprimida pelo sistema machista. Outro questionamento colocado, era em relação as justificativas em relação ao indivíduo e sua biologia, mostrando que a construção social enraizada não deveria

determinar o lugar de fala da mulher e nem impor sobre direitos sociais. (FURQUIM, 2020)

Os objetivos reivindicados pelas mulheres na luta feminista foram se alterando e lapidando, de acordo com o tempo e necessidade. Aos poucos com as conquistas, as mulheres foram compreendendo as necessidades posteriores. A violência contra a mulher no âmbito familiar e na sociedade começou a ser questionada, iniciando a conscientização da necessidade de amparo, proteção e intervenções. (FURQUIM, 2020)

Durante a ditadura, o Brasil havia sofrido um intenso momento de repressão, as mulheres possuíam diversas dinâmicas e movimentos feministas, junto com as lutas sociais que ocorriam no momento. Elas lutavam pelas causas de desigualdade de gênero, pela dominação sexista em todos os âmbitos, sejam elas dentro da própria casa, ou seja, nas relações familiares, como em movimentos políticos, onde a opinião de uma mulher não teria valor. (FURQUIM, 2020)

A luta começou a ter um reflexo social significativo, iniciaram reuniões com o intuito democrático realizadas por mulheres que já participaram ou ainda eram ativas em movimentos políticos, além de terem viajado para o exterior. (FURQUIM, 2020)

Essas reuniões ofereciam diversos temas referentes às suas vivências, como palestras, livros e bagagens didáticas, para que outras mulheres compreendessem que por meio do feminismo havia a possibilidade de se empoderar e lutam pelas ideias. Os assuntos abordados eram focados na discriminação da mulher, no âmbito familiar, separação, aborto, opinião política, relação com os homens, como chefe, marido, filho, a concepção do corpo feminino, a relação entre desejo e orgasmo, como a mulher poderia se satisfazer, com situações prazerosas pessoais. (FURQUIM, 2020)

Na década de 60, assuntos como aborto e sexualidade começaram a entrar nas reuniões feministas, como uma forma de conscientização sobre seus corpos e suas liberdades sexuais, descaracterizando o conceito social de que a mulher era obrigada a obedecer todas as imposições que os homens faziam, inclusive sexuais. O conceito de violência sexual começou a ser colocado em pauta, fazendo com que essas mulheres compreendessem a liberdade em relação a não querer ter relação sexual com o companheiro. (FURQUIM, 2020)

Na década de 70, casos de violência contra a mulher começaram a ser expostos e publicados pelas mídias, mostrando o machismo escondido que a

sociedade fingia não ter. Esse foi um avanço para criar a proteção da mulher em relação à violência doméstica, chamava SOS mulher, que ocorreu na década de 80. Essa circunstância deu forças as feministas, que pressionaram o Estado, criando assim as DEAM'S. (SILVA, 2017)

Em 1984 as mulheres solicitaram o direito da mulher nacionalmente. Indagando os direitos e representações da mulher na sociedade, dando força na proteção da mulher contra qualquer tipo de violência ao gênero feminino. (FURQUIM, 2020)

Em 1985, foi criado o Conselho Nacional de Direitos da Mulher (CNDM), com foco nos direitos, igualdade e proteções referentes ao gênero feminino. No mesmo ano foi criada a primeira delegacia da mulher, com foco em crimes relacionados ao gênero feminino. Após muitas lutas para a proteção e valorização da mulher no Brasil. (SILVA, 2017)

Na Norma Técnica de Padronização de Delegacias Especializadas de Atendimento às Mulheres (DEAM's), eles visavam um contato com a vítima de forma humanizada, sem preconceito pelo ato violento que ocorreu, separando a vítima e os autores de violência contra as mulheres, como forma de precaução e acolhimento. As DEAM's realizavam a resolução da demanda e ações de prevenção, investigação e atribuições legais para garantirem atendimentos de qualidade para as mulheres. (SILVA, 2017)

As demandas eram encaminhadas para as policiais que estivessem atuando no caso, sendo necessário possuírem conhecimentos para orientar a vítima, referentes às diretrizes e normas específicas, como a coleta de informações sobre a agressão e dados , para realizar o Boletim de Ocorrência (B.O) encaminhando assim para o Juiz e remeter no prazo de 48 horas a medida protetiva. (SILVA, 2017)

Além de ser uma delegacia para apoio e resolução das violências de gênero, as DEAM's tinham a intenção de utilizarem o espaço como uma forma de ampliação de conhecimentos e reflexões, apontando as necessidades das policiais que trabalhassem no local, terem conhecimentos em relação a gêneros. (SILVA, 2017)

Silva (2017) pontua em sua pesquisa que a resolução e acolhimento podem variar de acordo com o local de atendimento, constando que por mais que houvesse planos efetivos, nem sempre eles são colocados em prática muitas vezes por conta de estrutura ou preparo dos profissionais.

Para que seja possível estabelecer planos efetivos contra a violência, Minayo

(2006) pontua que é preciso compreender os lucros que a violência gera para determinados indivíduos, como por exemplo a arma de fogo, que atualmente no Brasil. A autora explica a complexidade da problemática, tendo em vista que existe um comércio ilegal que gera violência. Nesse comércio está incluso tráfico de drogas, de pessoas, animais, armas.

Pessoas relacionadas com essa ilegalidade tem interesse em que a violência que já é estabelecida, continue. Com o intuito de manter o medo da população, com o intuito de gerar “respeito”. Por outro lado, empresas privadas também lucram com todo esse medo que a sociedade tem, elevando cada vez mais o índice de segurança patrimonial e de funcionários para a segurança privada e pública. Priorizando assim pessoas mais ricas, construindo um mundo intocável e protegido e excluindo pessoas menos afortunadas, deixando assim essas pessoas à disposição da violência. (MINAYO, 2006)

A democracia do Brasil sofreu um marco com a Constituição de 1988, com influência da carta referente ao CNDM (Conselho Nacional dos Direitos das Mulheres), propondo a igualdade entre homens e mulheres em nível legislativo. Iniciando assim uma nova ótica social, tirando a visão da fragilidade e incapacidade feminina e mostrando, junto ao movimento feminista que as mulheres também pensam, opinam, exercem suas habilidades da maneira que gostam, independente do machismo ter categorizado trabalhos e deveres de acordo com cada gênero. (SILVA, 2017)

Furquim (2020) contextualiza a violência como um fator primitivo que evoluiu de acordo com o tempo. Até duas décadas atrás a sociedade não possuía formas de combatê-la e nem de defini-la, existia a informação do que era o ato violento, mas não havia explicações detalhadas que pudessem diferenciar atos cotidianos dos atos propriamente ditos, não podendo ser considerados violentos, pela falta de informação correta e legislação. Em 1990 a OMS começou a mostrar a compreensão da violência e seus efeitos. Avançando um pouco mais “em 1993, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou a Declaração sobre a eliminação da violência contra a mulher.” (OMS, 2014, p.3)

Em 2002, a OMS se manifestou com o Relatório Mundial da Saúde, dando início a um marco na história com informações coesas e exatas sobre violência, desde formas mais visíveis até as mais ocultas e não reconhecidas pela sociedade, fazendo um plano de como evitar, prevenir, combater, mostrando as consequências

em escala micro, que se refere a pessoas que foi agredida, se expandido até uma escala macro, ou seja, passando dos familiares e sociedade que convivem com a vítima, chegando no serviço público. Mostrando o ato enraizado na sociedade, impactos e formas de minimizar. (OMS, 2014)

Após o Relatório ter sido criado, ainda havia uma luta para que o sistema patriarcado não predominasse, pois o índice de desigualdade social ao gênero feminino ainda era brusco, gerando sofrimento e desequilíbrio. O costume enraizado patriarcal, tem como foco único a valorização do pai de família e filhos que nasceram do gênero masculino. Isso demonstra o poder que exercia sobre a vida dos demais membros, a única função da mulher para eles era casar, e reproduzir e cuidar da casa, mostrando a desigualdade.

Como forma de prevenção e garantia da aplicação do direito das mulheres, em 2003 foi criada a Secretaria Especializada de Políticas para as Mulheres (SPM). Com a intenção de criar maneiras de enfrentamento e fortalecimento nos atendimentos, com o apoio das políticas públicas. (SILVA, 2017)

Compreendendo todo o histórico de violência contra o gênero feminino e a luta feminista, propunha maneiras de enfrentamento em relação a violência e seus impactos sociais, por reivindicações que estavam sendo pontuadas. O patriarcado começou a ser questionado em nível social, por suas ideologias estarem sendo desestruturadas. (FURQUIM; 2020)

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, decidiu incluir na legislação brasileira a Lei nº 11.340, em 7 de agosto de 2006, mais conhecida como, Lei Maria da Penha, que tem como função a proteção da mulher brasileira, uma forma de erradicar qualquer tipo de violência contra a mulher, seja ela familiar, doméstica ou pela falta de igualdade. (BRASIL, 2018).

A Lei Maria da Penha foi aprovada, como uma forma de evitar e extinguir a violência doméstica e familiar contra as mulheres e garantir a proteção das mesmas. (BRASIL, 2018) Como prolongação da Lei Maria da Penha, foram desenvolvidas maneiras de combate a violência do gênero feminino, junto com a luta e movimento feminista. (SILVA, 2017)

Em 2007 surgiu o Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres, Silva (2017) ressalta a importância das efetivações na integração das políticas públicas em território nacional, que implementaram formas de prevenção e combate à violência, garantindo os direitos delas, como a aplicabilidade da Lei Maria

da Penha, fortalecimento nas redes que recebem mulheres vítimas de violência, segurança como cidadã. (BRASIL; 2018)

Em 2010, a Assembleia Geral da ONU adotou o Modelo atualizado de estratégias e medidas práticas sobre a eliminação da violência contra a mulher nas áreas de prevenção de crimes e justiça criminal. Na sua criação como uma organização, em 2010, a Entidade das Nações Unidas para Igualdade de Gênero e Empoderamento da Mulher (conhecida como ONU-Mulheres) priorizou a prevenção e as respostas à violência contra a mulher, e trabalha em estreita colaboração com outras agências, como UNODC, Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), UNAIDS e OMS, visando aumentar o poder das mulheres, prevenir a violência contra elas e atenuar suas consequências. (OMS, 2014, p. 3)

Em 2013, a OMS e outras entidades estimaram que até 38% dos homicídios de mulheres em todo o mundo foram cometidos por parceiros do sexo masculino, ao passo que a proporção correspondente para os homens foi de 6%. Em 20% das estatísticas sobre vítimas do sexo feminino não havia dados sobre o relacionamento entre perpetrador e vítima (OMS, p.10, 2014)

Tendo em vista o problema social que a violência é, maneiras de enfrentamento são criadas, como intenção de cessar o ato que se alarma cada vez mais, sendo assim a equipe do OPAS/OMS no Brasil mensalmente no dia 25, faz uma campanha pelo fim da violência contra a mulher, "Torne o Mundo mais Laranja", uma forma de enfrentamento, com a intenção de um futuro sem violência contra as mulheres. (OPAS/OMS, 2017)

Em 2013 foi criada a Lei nº 12.845 nomeada como Lei do minuto seguinte, ela visa proteger vítimas de violência sexual e oferecer atendimento gratuito pelo Sistema único de saúde (SUS), sem necessidade da apresentação do boletim ou qualquer outro meio legal que prove a violência. A lei tem como foco por meio do trabalho interdisciplinar o acolhimento e tratamento das possíveis lesões e traumas que a vítima sofreu. (BRASIL, 2018)

Em 2014, a OMS concretizou um novo Relatório Mundial da saúde, com dados e estimativas globais de violência contra a mulher, como forma de complementar e atualizar os dados referentes ao relatório de 2002. Reconhecendo em seu relatório, que a violência ultrapassa cunhos pessoais, envolve questões sociais, afeta a saúde e segurança pública. (OMS, 2014)

Os dados apresentados pela OMS (2014) têm como objetivo a partir da situação atual, realizar medidas programáticas de acordo com cada demanda e país,

podendo assim realizar progressos futuros, minimizando a violência e suas consequências, o relatório visa diminuir os números de violência mundial para 50% e extinguir qualquer forma de violência contra a mulher e crianças até 2030.

Sendo possível assim constatar, como citado anteriormente, a violência é um caso de saúde pública, e há um alto índice de pessoas violentadas que adoecem, recaindo sobre esse órgão público, além disso, é importante ressaltar a complexidade da problemática que afeta outros órgãos também como jurídico, político dentre outros. Minayo (2006) explica que a mudança de valores sociais, desencadeou uma “ideologia dominante: a que mescla o consumismo com o hedonismo, o individualismo com o egocêntrico e o imediatismo.” (MINAYO, 2006, p.36) dificultando a concretização das leis vigentes, refletindo assim na segurança pública. Para ela, as violências que ocorrem no Brasil não são centradas apenas a grandes cidades, como há 25 anos atrás, mas a falta de oportunidades e supervalorização do consumo, é um fator marcante para que crimes ocorram.

O impacto da violência para Krug e Dahlberg (2006) afeta negativamente em mais de um milhão de vítimas por ano, tendo em vista que além dos óbitos, as vítimas sofrem muitas vezes sequelas irreversíveis. Sendo crucial a execução do enfrentamento contra a violência.

Minayo (2006) apresenta então como uma das formas de enfrentamento contra a violência, a inclusão social, compreendendo que muitas pessoas não possuem as mesmas oportunidades pelos níveis sociais menos privilegiados, como citado anteriormente, possibilitando a entrada desses indivíduos para o mundo ilegal.

É importante ter em vista que o fator da desigualdade gera um alto índice de violência, seja ela de gênero, social, cultural, são situações em que os autores de violência contra as mulheres veem as vítimas como indefesas e se sentem no “poder”, realizando assim o ato. A inclusão para Minayo (2006) tem como foco tornar os indivíduos iguais, socialmente, na legislação, por gênero ou qualquer outro aspecto, fazendo assim uma reestruturação social positiva, mudando o quadro de violência social brasileira na contemporaneidade.

A ilegalidade é algo a ser combatido, pois ela apresenta lucros com a violência, Minayo (2006) apresenta isso com os altos índices da criminalidade, que promove o contrabando de armas, pessoas, animais, drogas, isso tudo é fruto de movimentos sociais que causam violência e mortes. A segurança pública tem como

obrigação combater essa situação, constitucionalmente prevenindo e excluindo a possibilidade de violências ligadas a essas demandas ilegais.

A tecnologia tem um papel influente na prevenção contra a agressão, por mais que os números ainda sejam alarmantes. Ela auxilia na conscientização da pessoa que está sendo violentada, que existem amparos, meios de mostrar, como recorrer pelos direitos legais, mostra também para a sociedade, como as vítimas de violência, seja ela qual for, está no meio pessoal, e é importante saber detectar para que seja possível ajudar. Maradei e Santos (2017), constataram em seus estudos, que as redes sociais podem ser uma forma intermediária para que pessoas que estejam passando por alguma violência, seja ela qual for, motiva o empoderamento das vítimas e a conscientização que elas não estão sozinhas, há uma proteção.

Madarei e Santos (2017) enfatizam que além de todo amparo à vítima, a internet pode ser um instrumento significativo para achar informações dos autores de violência contra as mulheres e de como a violência ocorreu, sendo um aliado para compor o necessário para uma acusação. Sejam essas acusações por fotos, postagens, mensagens, vídeos, áudios ou qualquer meio virtual.

Os impactos causados pelas vítimas são inúmeros, porém o enfrentamento é uma forma de a vítima ter uma vida digna e respeitada, externalizando o ocorrido.

Compreendendo a dificuldade de a vítima ter passado por um ato de violência e viver uma realidade nova pós-violência, explicando os baixos índices de mulheres agredidas procurarem sistemas de apoio e denunciarem, tendo em vista a possibilidade de elas morarem ou conviverem com o autor da violência.

Corroborando com a problemática, o Relatório Mundial da Saúde (2014) relata que mesmo com os números alarmantes, muitos casos de violência contra a mulher, crianças e idosos não são constados nos números, por não chegarem no conhecimento de autoridades. Mostrando assim a dificuldade de dos sistemas de prevenção e acolhimentos, serem efetivos nesse tipo de problemática.

Com a falta de precisão dos dados, muitos projetos de intervenções são realizados sem apresentar uma demanda concreta em números. Impossibilitando a efetivação desses projetos em locais que apresentam defasagem e necessitam de intervenções. (OMS, 2014)

Compreendendo que a violência é um ato que existe a possibilidade de evitar, a OMS junto com parceiros, formulou formas de enfrentamento e combate

1. desenvolver relacionamentos seguros, estáveis e protetores entre crianças e seus genitores e cuidadores;
 2. desenvolver em crianças e adolescentes as habilidades para a vida;
- Resumo executivo
3. reduzir a disponibilidade e o uso nocivo do álcool;
 4. reduzir o acesso a armas de fogo e facas;
 5. promover igualdade de gênero, visando prevenir a violência contra a mulher;
 6. mudar normas culturais e sociais que apoiam a violência;
 7. criar programas de atendimento às vítimas, incluindo identificação e cuidados. (OMS, 2002, p. viii e p. ix)

Os primeiros socorros fazem parte do atendimento a vítima especializado, com constatação vale ressaltar que segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) 91,7% dos municípios não possuem nenhuma DEAM, compreendendo que o atendimento da vítima de violência sexual não recebe o amparo legal. (SILVA; 2017) Dificultando a concretização dos planos de enfrentamento citados acima.

A história da luta social foi crucial para que as mulheres começasse a ser vista na sociedade. As formas de enfrentamento à violência foram de suma importância para oferecer amparo às vítimas. Mesmo havendo um avanço significativo, a luta à violência contra a mulher ainda é pertinente, tendo em vista os índices alarmantes apresentados pelas OMS (2014) e Brasil (2018).

3 MÉTODO

3.1 PESQUISA QUALITATIVA DO TIPO DOCUMENTAL

A presente pesquisa “Violência sexual com universitária e as consequências para a saúde: um estudo de caso em uma região do Vale do Paraíba” é um recorte da investigação “Violência contra as mulheres Universitárias No Vale Do Paraíba: Consequências para a saúde” coordenado pela Professora Dra. Rosa Frugoli. sob a plataforma 10525118.0.0000.5501., número do parecer 3.393.228

Cabe ressaltar que esta pesquisa sobre violência sexual e saúde é do tipo documental, a partir da pergunta norteadora se as Mulheres universitárias sofrem violência sexual e quais as consequências para a saúde mulheres.

A investigação documental foi necessária para discorrer sobre a metodologia da pesquisa principal da pesquisa principal “Violência contra as mulheres Universitárias no vale do paraíba: Consequências para a saúde”. Esta foi de base exploratória e um estudo de caso, a pesquisa e foi aprovada pelo comitê de Ética referente a Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Taubaté, sob a Plataforma Brasil, orientada pela Professora Doutora Rosa Frugoli. Para que o projeto da pesquisa principal fosse aplicado, foram realizadas delimitações, como autorização do campus universitário, orientação de como era para realizar a pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido e por último foi aplicada a autorização para a publicação das informações que seriam estudadas, com garantia de sigilo e armazenamento de cinco anos de todos os dados que foram coletados.

A pesquisa foi realizada com a amostra de 200 participantes do gênero feminino, a partir de 18 anos; universitárias do Vale do Paraíba realizando o curso presencialmente; com acesso a rede social e celular para acessar o questionário; com interesse e possibilidade de participar a pesquisa. Formando grupos de 8 a 10 participantes.

Para a realização do projeto e coleta de dados, as alunas responderam um questionário, referente à primeira fase, não havia um local estabelecido, apenas uma data limite para o encaminhamento das respostas, possibilitando que as participantes escolhessem um horário e acessassem o questionário pelo celular.

O formulário aplicado na primeira fase tinha como foco o levantamento de dados pessoais, questões direcionadas ao tema, que era a violência de gênero, além de questões financeiras e ocupacionais. A seleção das participantes foi de acordo com a participação da primeira fase e a compatibilidade da amostra quantitativa que estava sendo procurada.

A segunda fase correspondeu as entrevista das alunas selecionadas, com perguntas abertas e fechadas, como uma forma de propiciar as estudantes a se abrirem e exporem mais conteúdo sobre o tema que estava sendo levantado. Esses encontros ocorreram individualmente, dentro da universidade localizada no Vale do Paraíba, com a autorização da mesma e das participantes, em um local seguro e com garantia de sigilo.

A partir das entrevistas realizadas pela pesquisa principal surgiram os documentos: que foram analisados e vieram da pesquisa indicada anteriormente, será utilizado o projeto “Violência contra as mulheres Universitárias No Vale Do Paraíba: Consequências para a saúde” foram realizadas entrevistas em profundidade com as participantes e numa dessas entrevistas, evidencia a questão da violência sexual. Portanto, nesta pesquisa atual o documento utilizado será essa entrevista que consta o fenômeno da violência sexual.

O recorte realizado foi de uma jovem, na faixa etária entre 18 e 25 anos, que possuía camada privilegiada economicamente, era universitária e branca.

Vale ressaltar que pesquisa documental é fundamentada a partir documentos que embasam o objetivo que está sendo pesquisado e investigado, trazendo discussão e referencial da teoria. Ela é composta por uma gama pesquisas, que possibilitam estudo passado ou de qualquer outro fenômeno que está sendo abordado, permitindo a compreensão de diversas situações como a evolução dos indivíduos, conceitos, comportamentos, que representam e contextualizam situações da atualidade, sendo uma forma de ampla compreensão social. (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009).

Portanto, foi utilizado nesta investigação uma entrevista semiestruturada, na qual o fenômeno da violência sexual em universitárias foi recorrente.

3.2 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DO DOCUMENTO

Nesta pesquisa documental o procedimento utilizado foi a análise temática. Para Souza (2019) a análise temática (AT) é um método qualitativo, que tem como foco por meio da análise de dados obterem uma interpretação detalhada, do conteúdo e literatura escolhida.

A análise de dados possibilita mudanças e ajustes, o material fica disposto a se adequar e transformar conforme as revisões literárias encontradas no trabalho encontrado. Após essa revisão detalhada do documento, os temas serão selecionados de acordo com a presença dos conteúdos. (SOUZA, 2019)

A maneira com que as prevalências são consideradas varia de acordo com o foco do pesquisador, os números dos temas podem variar, mas isso não representa a relevâncias que eles se apresentam. É importante a flexibilidade no processo de escolha, focando sempre nas prevalências escolhidas. (SOUZA, 2019)

A escolha do tema é realizada de duas maneiras, a primeira é nomeada pela autora Souza (2019) como tema cesta, ela realiza a seleção das temáticas pela coleta de dados, focando nas temáticas principais e descartando as temáticas que restaram. A segunda forma, é pela temática livro de histórias, que tem como foco por meio dos dados coletados, interpretar e criar novas temáticas. (SOUZA, 2019)

O mais importante para a aplicação da AT é a possibilidade de flexibilidade na pesquisa, tendo em vista que os processos qualitativos não são lineares e apresentam variações em todas as fases. Abrindo portas para novos caminhos e focos no trabalho. (SOUZA, 2019)

Para Souza (2019) a AT se difere por seis fases.

A primeira fase é composta pela familiarização dos dados, onde o pesquisador entra em contato com a totalidade dos dados coletados, que no caso desta pesquisa, é um documento coletado e retirado da pesquisa principal. Nessa fase, o documento que está sendo utilizada na pesquisa, será familiarizada, possibilitando a formação de novas ideias, por meio da observação de padrões formados, abrindo o campo de possibilidades de para mudanças necessárias. Nessa fase é importante a leitura, anotações, para que a compreensão de todos os dados, de forma que eles fiquem claros. (SOUZA, 2019)

A segunda fase é responsável pela organização dos códigos iniciais. Todos os dados coletados são organizados, de acordo com a congruência de significados de cada. Essa organização visa identificar pelo documento as imagens e transcrições que se assemelhem, a fim de formar temas que possuam o mesmo

padrão. (SOUZA, 2019) Foram realizadas 16 entrevistas e foi escolhida uma para realizar o Trabalho de Graduação. A entrevista selecionada corresponde a uma estudante universitária, branca, solteira, e em um relacionamento sério.

A terceira fase realiza a busca dos temas. Os dos códigos gerados, proporcionam para o pesquisador a nitidez dos temas padronizados, e suas combinações. Sendo divididos por temas e subtemas, que levarão após uma análise, ao tema principal da pesquisa. Esses conjuntos muitas vezes poderão não apresentar semelhança, mas existe a possibilidade deles em uma próxima fase se adequarem. (SOUZA, 2019)

A quarta fase corresponde com a revisão dos temas. Todos os temas coletados serão analisados, e selecionados de acordo com a presença da sustentação de dados. Mesmo com essa sustentação, existe a possibilidade de um tema não combinar com o padrão que está sendo seguido, descartando ou analisando a possibilidade de uma nova utilização. (SOUZA, 2019)

O processo de refinamento é realizado, revendo e validando cada dado colhido, como uma forma de assegurar que os novos dados que foram recolhidos conversem entre si e sejam congruentes a essa nova combinação. (SOUZA, 2019)

A quinta fase é definida pela nomeação de temas. A função dessa fase é revisar e analisar cada dado coletado, com a intenção de concluir os aspectos dos temas retratados e a relação com a temática principal, analisando a possibilidade de subtemas dos temas, como forma de congruência da pesquisa. (SOUZA, 2019)

A sexta fase é responsável pela produção do relatório. Ocorre através dos dados coletados e escritos na pesquisa, a análise oferece uma coerência e compreensão para o leitor. O relatório deve ser coeso e demonstrar as temáticas selecionadas e a escrita. (SOUZA, 2019)

4 RESULTADOS

Os resultados foram alcançados a partir das seis fases da análise temática.

A primeira fase foi produzida a partir da familiarização dos dados, a pesquisador nessa fase teve como foco a leitura do material que foi coletado, realizando anotações, observações ela descreve, de forma com que ela tivesse ideia tenha ideias e compreenda o material. A partir da leitura do documento foi identificada a forma com que a participante foi violentada sexualmente por um colega da faculdade, descrevendo detalhes sobre o ocorrido e como isso interferiu na vida pessoal. A partir desses conteúdos de violência sexual em universitária, foi possibilitada a observação no documento os comportamentos da vítima após a violação.

Na segunda fase foi realizada a organização dos dados coletados do documento e anotações desse conteúdo, com o intuito de compreender a relação do estudo de caso com o fenômeno que estava sendo estudado (SOUZA, 2019). Todos os elementos presentes no documento foram separados de acordo com as suas semelhanças, organizando assim por meio das anotações a Tabela 1. Num primeiro momento apareceram 34 elementos sinalizados como arranjos e 67 subtemas relacionados com os mesmos.

Tabela 1: Elementos iniciais

Fonte: Dados da pesquisa de campo

ARRANJO 1
Subtema 1 Abuso Sexual
Subtema 2 Apenas um episódio
Subtema 3 Se deu conta que havia sido violentada
Subtema 4 Foi um estupro
Subtema 5 Se lembrou do que havia acontecido
Subtema 6 Lembrava do que havia ocorrido

ARRANJO 2
Subtema 1 Maio desse ano
Subtema 2 Comemorando o aniversário
Subtema 3 No outro dia foi embora
Subtema 4 Em um bar perto
Subtema 5
Subtema 6
ARRANJO 3
Subtema 1 Namorava outra pessoa
Subtema 2 O namorado não é daqui
Subtema 3 Ligou para o namorado e ele foi busca-la
Subtema 4 Ele é compreensível
Subtema 5 Ele veio de São Paulo e levou para casa
Subtema 6 Compreensível no período de abstinência também
ARRANJO 4
Subtema 1 Bebeu
Subtema 2 Usou maconha
Subtema 3 Estava sonolenta por conta da maconha
Subtema 4 Foi um estupro
Subtema 5 Bebeu mas não foi o caso
Subtema 6

ARRANJO 5
Subtema 1 Levou para o apartamento
Subtema 2 Levou para o quarto
Subtema 3 Estava na cama de alguém que não sabia
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
ARRANJO 6
Subtema 1 Não lembrava de muita coisa
Subtema 2 Fingiram que nada aconteceu
Subtema 3 Lembra de poucas coisas
Subtema 4 Não sabia onde estava
Subtema 5 Não lembrava do que tinha acontecido
Subtema 6
ARRANJO 7
Subtema 1 Tinham vários meninos no apartamento
Subtema 2 Havia outros rapazes
Subtema 3 Estava sozinha na cidade que mora
Subtema 4 Os homens fingiram que nada aconteceu
Subtema 5 Estavam no local e falaram que era besteira
Subtema 6

ARRANJO 8
Subtema 1 Sempre que sai liga para avisar que chegou
Subtema 2 Não avisou que chegou e o namorado ligou preocupado
Subtema 3 Ele foi buscar
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
ARRANJO 9
Subtema 1 Perguntou se estava tudo bem
Subtema 2 Não estava bem
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
ARRANJO 10
Subtema 1 Não tinha dado conta do que tinha acontecido
Subtema 2 Não tinha consciência do que estava acontecendo
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6

ARRANJO 11
Subtema 1 Ele pediu para colocar a roupa e ir para casa
Subtema 2 Chegou em casa, tomou um banho e dormiu
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
ARRANJO 12
Subtema 1 De um "flash" de consciência
Subtema 2
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
ARRANJO 13
Subtema 1 Achou que tivesse traído o namorado
Subtema 2
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6

ARRANJO 14
Subtema 1 Se deu conta que havia sido violentada
Subtema 2 Foi um estupro
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
ARRANJO 15
Subtema 1 Se lembrou do que havia acontecido
Subtema 2 Lembrou do que havia ocorrido
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
ARRANJO 16
Subtema 1 Estava toda machucada
Subtema 2 Ficou machucada por semanas
Subtema 3 Ficou machucada na parte íntima
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6

ARRANJO 17
Subtema 1 Contou para os pais e para o namorado
Subtema 2 Os pais queriam que fosse na delegacia
Subtema 3 A mãe tentou convencer três vezes para ir na delegacia
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
ARRANJO 18
Subtema 1 Levaram para o hospital
Subtema 2 Tomou a medicação profilática
Subtema 3 Voltou para a casa e foi para o hospital
Subtema 4 Não passou pela cabeça ir para o hospital
Subtema 5
Subtema 6
ARRANJO 19
Subtema 1 Foi para a psicóloga depois
Subtema 2 Já fazia terapia
Subtema 3 O foco da terapia mudou
Subtema 4 Trabalha a confiança em outras pessoas na terapia
Subtema 5 Trabalhou a abstinência sexual na terapia
Subtema 6 A psicóloga trabalhou que no momento a estudante não estava bem para fazer a denúncia

ARRANJO 21
Subtema 1 Não eram da mesma sala
Subtema 2 Se viram algumas vezes depois
Subtema 3 Ele não olhou na cara
Subtema 4 Ele evita o encontro
Subtema 5 Se viram duas vezes após o ocorrido
Subtema 6
ARRANJO 22
Subtema 1 Pedi para parar várias vezes
Subtema 2
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
ARRANJO 23
Subtema 1 Bloqueou ele nas redes sociais
Subtema 2
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6

ARRANJO 24
Subtema 1 Não havia outras mulheres
Subtema 2
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
ARRANJO 25
Subtema 1 Confiança diminuiu
Subtema 2 Confia apenas nos pais e no namorado
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
ARRANJO 26
Subtema 1 Teve insônia
Subtema 2 Sonhos sobre o ocorrido
Subtema 3 Já tinha transtorno de ansiedade
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6

ARRANJO 27
Subtema 1 Não conseguia ter relação sexual por muito tempo
Subtema 2 Chorava durante o ato
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
ARRANJO 28
Subtema 1 No início tinha crise de pânico ao se aproximar da figura masculina
Subtema 2 Teve crise após contar para o namorado
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
ARRANJO 29
Subtema 1 Hoje está melhor
Subtema 2 Não está 100%
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6

ARRANJO 30
Subtema 1 Algo enraizado na sociedade
Subtema 2 Cultura machista
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
ARRANJO 31
Subtema 1 Devia ter denunciado
Subtema 2 Tinham várias provas no momento
Subtema 3 Corpo delito
Subtema 4 Comprovar pelas câmeras do local
Subtema 5 Arrependimento
Subtema 6
ARRANJO 32
Subtema 1 Ficou com medo das pessoas não acreditarem
Subtema 2
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6

ARRANJO 33
Subtema 1 A vida mudou muito após o ocorrido
Subtema 2 Debilitada emocionalmente
Subtema 3 Trauma administrado com o tempo
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
ARRANJO 34
Subtema 1 A vida do agressor não mudou
Subtema 2 Pode fazer com outras mulheres ou outras pessoas
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6

Fonte: Dados da pesquisa de campo

A partir das organizações dos códigos e suas semelhanças, a terceira fase possibilitou o pesquisador construir arranjos e grupos que possuíam semelhanças.

A tabela 2 utilizou os arranjos e subtemas coletados na fase anterior, com a intenção de identificar aspectos específicos, que se assemelharam com o fenômeno que estava sendo estudado. A partir dessa coleta foram minimizados para 19 arranjos, e sintetizados os subtemas, com propósito de se adequar mais a temática que foi estudada e focar em subtemas que representassem melhor o fenômeno, para não ficar repetitivo.

Tabela 2 – Identificação de códigos semelhantes

ARRANJO 1
Subtema 1 Abuso Sexual
Subtema 2 Apenas um episódio
Subtema 3 Se deu conta que havia sido violentada
Subtema 4 Foi um estupro
Subtema 5 Se lembrou do que havia acontecido
Subtema 6 Lembrava do que havia ocorrido
Subtema 7 Pedi para parar várias vezes
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10
ARRANJO 2
Subtema 1 Namorava outra pessoa
Subtema 2 O namorado não é daqui
Subtema 3 Ligou para o namorado e ele foi buscá-la
Subtema 4 Ele é bem compreensível
Subtema 5 Ele veio de São Paulo e levou para casa
Subtema 6 Compreensível no período de abstinência e depois também
Subtema 7 Ele pediu para colocar a roupa e ir para casa
Subtema 8 Sempre que sai ligo para avisar que chegou
Subtema 9 Não avisou que chegou e o namorado ligou preocupado
Subtema 10 Ele foi buscar

ARRANJO 3
Subtema 1 Bebeu
Subtema 2 Usou maconha
Subtema 3 Estava sonolenta por conta da maconha
Subtema 4 Bebeu mas não foi o caso
Subtema 5
Subtema 6
Subtema 7
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10
ARRANJO 4
Subtema 1 Levou para o apartamento
Subtema 2 Levou para o quarto
Subtema 3 Estava na cama de alguém e não sabia
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
Subtema 7
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10

ARRANJO 5
Subtema 1 Não lembrava de muita coisa
Subtema 2 Fingiram que nada aconteceu
Subtema 3 Lembra de poucas coisas
Subtema 4 Lembra só de alguns episódios
Subtema 5 Não sabia onde estava
Subtema 6 Não lembrava do que tinha acontecido
Subtema 7
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10
ARRANJO 6
Subtema 1 Tinham vários meninos no apartamento
Subtema 2 Haviam outros rapazes
Subtema 3 Estava sozinha na cidade que mora
Subtema 4 Os homens que estavam na sala eram amigos
Subtema 5 Fingiram que nada aconteceu
Subtema 6 Estavam no local e falaram que era besteira
Subtema 7 Não haviam outras mulheres
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10

ARRANJO 7
Subtema 1 Não tinha se dado conta do que tinha acontecido
Subtema 2 Não tinha consciência do que estava acontecendo
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
Subtema 7
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10
ARRANJO 8
Subtema 1 Deu um “flash” de consciência
Subtema 2
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
Subtema 7
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10

ARRANJO 9
Subtema 1 Achou que tivesse traído o namorado
Subtema 2
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
Subtema 7
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10
ARRANJO 10
Subtema 1 Estava toda machucada
Subtema 2 Ficou machucada por três semanas
Subtema 3 Ficou machucada na parte íntima
Subtema 4 Levaram para o hospital
Subtema 5 Tomou medicação profilática
Subtema 6 Voltou para a casa e foi para o hospital
Subtema 7 Não passou pela cabeça ir para o hospital
Subtema 8 Teve insônia
Subtema 9 Sonhos sobre o ocorrido
Subtema 10 Já tinha transtorno de ansiedade

ARRANJO 11
Subtema 1 Contou para os pais e para o namorado
Subtema 2 Os pais queriam que fosse na delegacia
Subtema 3 A mãe tentou convencer três vezes para ir na delegacia
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
Subtema 7
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10
ARRANJO 12
Subtema 1 Não conseguiu ir na delegacia
Subtema 2 Não fez exame de delito
Subtema 3 Não passou pela cabeça ir para a delegacia
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
Subtema 7
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10

ARRANJO 13
Subtema 1 Não eram da mesma sala
Subtema 2 Se viram algumas vezes depois
Subtema 3 Ele não olhou na cara
Subtema 4 Ele evita bastante o encontro
Subtema 5 Se viram duas vezes após o ocorrido
Subtema 6 Bloqueou nas redes sociais
Subtema 7 A vida do agressor não mudou
Subtema 8 Pode fazer com outras mulheres ou outras pessoas
Subtema 9
Subtema 10
ARRANJO 14
Subtema 1 Foi para a psicóloga depois
Subtema 2 Fazia terapia
Subtema 3 O foco da terapia mudou
Subtema 4 Trabalha a confiança em outras pessoas na terapia
Subtema 5 Psicóloga trabalhou que no momento do ocorrido a estudante não estava bem para realizar a denúncia
Subtema 6 A vida mudou muito após o ocorrido
Subtema 7 Debilitada emocionalmente
Subtema 8 Trauma administrando com o tempo
Subtema 9
Subtema 10

ARRANJO 15
Subtema 1 Não conseguia ter relação sexual por muito tempo
Subtema 2 Chorava durante o ato
Subtema 3 Tinha crise de pânico após ter relação
Subtema 4 Certas posições sexuais lembravam a agressão
Subtema 5
Subtema 6
Subtema 7
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10
ARRANJO 16
Subtema 1 No início tinha crise de pânico ao se aproximar da figura masculina
Subtema 2 Teve crise após contar para o namorado
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
Subtema 7
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10

ARRANJO 17
Subtema 1 Algo enraizado na sociedade
Subtema 2 Cultura machista
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
Subtema 7
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10
ARRANJO 18
Subtema 1 Devia ter denunciado
Subtema 2 Tinham provas no momento
Subtema 3 Corpo delito
Subtema 4 Comprovar pelas câmeras do local
Subtema 5 Arrependimento
Subtema 6 Ficou com medo das pessoas não acreditarem
Subtema 7
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10

ARRANJO 19
Subtema 1 A vida do agressor não mudou
Subtema 2 Pode fazer com outras mulheres ou outras pessoas
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
Subtema 7
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Na quarta fase foi realizada a observação da Tabela 2, com o intuito de selecionar e minimizar os conteúdos, de maneira que ficassem mais específicos e coerentes com o que estava sendo estudado.

Foram apresentados 14 arranjos.

Portando a partir da fase anterior, foram selecionados arranjos de acordo com a necessidade e importância com o fenômeno, refinando assim os subtemas e arranjos.

O intuito desta sintetização foi chegar em temáticas coerentes, que serão apresentadas na Tabela 5. Possibilitando assim relacionar o estudo desta pesquisa com clareza.

Tabela 3: Sintetização dos códigos e busca de temas

ARRANJO 1
Subtema 1 Abuso Sexual
Subtema 2 Apenas um episódio
Subtema 3 Se deu conta que havia sido violentada
Subtema 4 Foi um estupro
Subtema 5 Se lembrou do que havia acontecido
Subtema 6 Lembrava do que havia ocorrido
Subtema 7 Pedi para parar várias vezes
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10
ARRANJO 2
Subtema 1 A vida do agressor não mudou
Subtema 2 Pode fazer com outras mulheres ou outras pessoas
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
Subtema 7
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10

ARRANJO 3
Subtema 1 Namorava outra pessoa
Subtema 2 O namorado não é daqui
Subtema 3 Ligou para o namorado e ele foi busca-la
Subtema 4 Ele é bem compreensível
Subtema 5 Ele veio de São Paulo e levou ela para casa
Subtema 6 Compreensível no momento de abstinência
Subtema 7 Ele pediu para colocar a roupa e ir para casa
Subtema 8 Sempre que sai liga para avisar que chegou
Subtema 9 Não avisou que chegou e o namorado ligou preocupado
Subtema 10 Ele foi buscar
ARRANJO 4
Subtema 1 Não lembrava de muita coisa
Subtema 2 Fingiram que nada aconteceu
Subtema 3 Lembrava de poucas coisas
Subtema 4 Não sabia onde estava
Subtema 5 Não lembrava do que tinha acontecido
Subtema 6 Achou que tivesse traído o namorado
Subtema 7 Não tinha dado conta do que tinha acontecido
Subtema 8 Não tinha consciência do que estava acontecendo
Subtema 9 Deu um “flash” de consciência
Subtema 10

ARRANJO 5
Subtema 1 Tinham vários meninos no apartamento
Subtema 2 Haviam outros rapazes
Subtema 3 Estava sozinha na cidade que morava
Subtema 4 Lembra só de alguns episódios
Subtema 5 Os homens que estavam na sala eram amigos
Subtema 6 Fingiram que nada aconteceu
Subtema 7 Estavam no local e falara que era besteira
Subtema 8 Não haviam outras mulheres
Subtema 9
Subtema 10
ARRANJO 6
Subtema 1 Bebeu
Subtema 2 Usou maconha
Subtema 3 Estava sonolenta por conta da maconha
Subtema 4 Bebeu mas não foi o caso
Subtema 5
Subtema 6
Subtema 7
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10

ARRANJO 7
Subtema 1 Estava toda machucada
Subtema 2 Ficou machucada por três semanas
Subtema 3 Levaram para o hospital
Subtema 4 Tomou medicação profilática
Subtema 5 Votou para a casa e foi para o hospital
Subtema 6 Não passou pela cabeça ir ao hospital
Subtema 7 Teve insônia
Subtema 8 Sonhos sobre o ocorrido
Subtema 9 Já tinha transtorno de ansiedade
Subtema 10
ARRANJO 8
Subtema 1 Contou para os pais e para o namorado
Subtema 2 Os pais queriam que fosse na delegacia
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
Subtema 7
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10

ARRANJO 9
Subtema 1 Não conseguiu ir na delegacia
Subtema 2 Não fez exame de delito
Subtema 3 Não passou pela cabeça ir na delegacia
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
Subtema 7
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10
ARRANJO 10
Subtema 1 Não eram da mesma sala
Subtema 2 Se viram algumas vezes depois
Subtema 3 Ele não olhou na cara
Subtema 4 Levaram para o hospital
Subtema 5 Ele evita bastante o encontro
Subtema 6 Se viram duas vezes após o ocorrido
Subtema 7 Bloqueou nas redes sociais
Subtema 8 A vida do agressor não mudou
Subtema 9 Pode fazer com outras mulheres ou outras pessoas
Subtema 10

ARRANJO 11
Subtema 1 Foi para a psicóloga depois
Subtema 2 Fazia terapia
Subtema 3 O foco da terapia mudou
Subtema 4 Trabalha a confiança em outras pessoas na terapia
Subtema 5 Trabalhou a abstinência sexual na terapia
Subtema 6 A psicóloga trabalhou que no momento a estudante não estava bem para fazer a denuncia
Subtema 7 A vida mudou muito após
Subtema 8 Debilitada emocionalmente
Subtema 9 Trauma administrado com o tempo
Subtema 10
ARRANJO 12
Subtema 1 Não conseguia ter relação sexual por muito tempo
Subtema 2 Chorava durante o ato
Subtema 3 Tinha crise de pânico após ter a relação
Subtema 4 Certas posições sexuais lembram a agressão
Subtema 5 No início tinha crise de pânico ao se aproximar da figura masculina
Subtema 6 Teve crise após contar para o namorado
Subtema 7
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10

ARRANJO 13
Subtema 1 Algo enraizado
Subtema 2 Cultura machista
Subtema 3
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
Subtema 7
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10
ARRANJO 14
Subtema 1 Devia ter denunciado
Subtema 2 Tinham provas no momento
Subtema 3 Corpo delito
Subtema 4 Comprovar pelas câmeras do local
Subtema 5 arrependimento
Subtema 6 Ficou com medo das pessoas não acreditarem
Subtema 7 Debilitada emocionalmente
Subtema 8 Trauma admistrado com o tempo
Subtema 9
Subtema 10

A quinta fase foi responsável pela coerência que cada tema possui e sua relação com a temática principal da pesquisa “Violência contra as mulheres Universitárias No Vale Do Paraíba: Consequências para a saúde” incluindo a necessidade de todos os temas se relacionarem e formarem uma pesquisa objetiva, conforme a Tabela 4. Posteriormente ainda foi possível realizar uma nova organização reunindo em cada tema elementos compatíveis, conforme a Tabela 5.

Tabela 4: Nomeando os temas

ARRANJO 1
Subtema 1 Abuso Sexual
Subtema 2 Apenas um episódio
Subtema 3 Se deu conta que havia sido violentada
Subtema 4 Foi um estupro
Subtema 5 Se lembrou do que havia acontecido
Subtema 6 Lembrava do que havia ocorrido
Subtema 7 Pedi para parar várias vezes
Subtema 8 A vida do agressor não mudou
Subtema 9 Pode acontecer com outras mulheres ou outras pessoas
Subtema 10 Bloqueou nas redes sociais
ARRANJO 2
Subtema 1 Namorava outra pessoa
Subtema 2 O namorado não é daqui
Subtema 3 Ligou para o namorado e ele foi buscá-la
Subtema 4 Ele é bem compreensível
Subtema 5 Ele veio de São Paulo e levou para casa

ARRANJO 2
Subtema 6 Compreensível no período de abstinência
Subtema 7 Ele pediu para colocar roupa e ir para casa
Subtema 8 Ele foi buscar
Subtema 9
Subtema 10
ARRANJO 3
Subtema 1 A vida do agressor não mudou
Subtema 2 Tinham vários meninos no apartamento
Subtema 3 Os amigos fingiram que nada aconteceu
Subtema 4 Não havia outras mulheres
Subtema 5 Achou que tivesse traído o namorado
Subtema 6 Não tinha dado conta do que tinha acontecido
Subtema 7 Os pais queriam que fosse na delegacia
Subtema 8 A mãe tentou convencer três vezes para ir na delegacia
Subtema 9
Subtema 10
ARRANJO 4
Subtema 1 Levou para o apartamento
Subtema 2 Levou para o quarto
Subtema 3 Estava na cama de alguém e não sabia
Subtema 4 Não tinham outras mulheres
Subtema 5 Estava toda machucada
Subtema 6 Ele não olhou na cara

Subtema 7 Levou para o hospital
Subtema 8 Tomou medicação profilática
Subtema 9 Voltou para casa e foi para o hospital
Subtema 10
ARRANJO 5
Subtema 1 Não lembrava de muita coisa
Subtema 2 Fingiram que nada aconteceu
Subtema 3 Lembra de poucas coisas
Subtema 4 Lembra só de alguns episódios
Subtema 5 Não sabia onde estava
Subtema 6 Não lembrava do que tinha acontecido
Subtema 7 Evita o encontro
Subtema 8 Contou para os pais
Subtema 9
Subtema 10
ARRANJO 6
Subtema 1 Tinham vários meninos no apartamento
Subtema 2 Haviam outros rapazes
Subtema 3 Estava sozinha na cidade que mora
Subtema 4 Os homens que estavam na sala eram amigos
Subtema 5 Fingiram que nada aconteceu
Subtema 6 Estavam no local e falaram que era besteira
Subtema 7 Não haviam outras mulheres

Subtema 8 Achou que tivesse traído o namorado
Subtema 9
Subtema 10
ARRANJO 7
Subtema 1 Fazia terapia e o foco mudou
Subtema 2 No início tinha crise de pânico ao se aproximar da figura masculina
Subtema 3 Trabalhou confiança em outras pessoas na terapia
Subtema 4 A psicóloga trabalhou que no momento a estudante não estava bem para fazer a denúncia
Subtema 5 A vida mudou após o ocorrido
Subtema 6 Debilitada emocionalmente
Subtema 7 Crise de pânico após ter relação
Subtema 8
Subtema 9
Subtema 10
ARRANJO 8
Subtema 1 Ficou com medo das pessoas não acreditarem
Subtema 2 Algo enraizado cultura machista
Subtema 3 Não conseguiu ir na delegacia
Subtema 4 Exame de delito
Subtema 5 Devia ter denunciado
Subtema 6 Tinham provas no momento
Subtema 7 Corpo delito

ARRANJO 9
Subtema 1 Estava toda machucada
Subtema 2 Ficou machucada por três semanas
Subtema 3 Ficou machucada na parte íntima
Subtema 4 Levaram para o hospital
Subtema 5 Tomou medicação profilática
Subtema 6 Voltou para a casa e foi para o hospital
Subtema 7 Não passou pela cabeça ir para o hospital
Subtema 8 Teve insônia
Subtema 9 Sonhos sobre o ocorrido
Subtema 10 Já tinha transtorno de ansiedade

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

A quarta etapa foi responsável pela organização dos 9 arranjos.

Tabela 5: Definindo e nomeando temas.

ARRANJO 1
Subtema 1 Abuso Sexual
Subtema 2 Apenas um episódio
Subtema 3 Se deu conta que havia sido violentada
Subtema 4 Foi um estupro
Subtema 5 Se lembrou do que havia acontecido
Subtema 6 Lembrava do que havia ocorrido
Subtema 7 Pedi para parar várias vezes
Subtema 10 Bloqueou nas redes sociais

ARRANJO 2
Subtema 1 A vida do agressor não mudou
Subtema 2 Pode acontecer com outras mulheres ou outras pessoas
Subtema 3 Bloqueou nas redes sociais
Subtema 4
Subtema 5
Subtema 6
Subtema 7
Tema 2 Comportamento pós violência sexual
ARRANJO 3
Subtema 1 Fazia terapia e o foco mudou
Subtema 2 No início tinha crise de pânico ao se aproximar da figura masculina
Subtema 3 Trabalhou confiança em outras pessoas na terapia
Subtema 4 A psicóloga trabalhou que no momento a estudante não estava bem para fazer a denúncia
Subtema 5 A vida mudou após o ocorrido
Subtema 6 Debilitada emocionalmente
Subtema 7 Crise de pânico após ter relação
Tema 3 Rede de apoio e enfrentamento
ARRANJO 9
Subtema 1 Ficou com medo das pessoas não acreditarem
Subtema 2 Algo enraizado cultura machista
Subtema 3 Não conseguiu ir na delegacia

Subtema 4 Exame de delito
Subtema 5 Devia ter denunciado
Subtema 6 Tinham provas no momento
Tema: Cultura enraizada

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Portanto, os temas surgidos da Análise Temática, foram:

1. Violência sexual
2. Comportamento pós violência sexual
3. Rede de apoio e enfrentamento
4. Cultura enraizada

A sexta fase da Análise Temática corresponde a produção do relatório, tendo como foco a exatidão e coesão dos dados apresentados, de forma com que o leitor compreenda o que está sendo passado, na seção de “Discussão” deste TG foi realizado as correlações entre as categorias surgidas e perspectivas dos referenciais teóricos utilizadas.

A jovem se deu conta do que havia ocorrido, na manhã do dia seguinte, quando percebeu que estava fisicamente machucada. Então junto com o namorado e os pais, foi ao hospital se tomar medicamento profilático. Ela diz que não teve coragem de realizar a denúncia, por medo do julgamento e das pessoas não acreditarem, mas sabe que teria sido confirmada a violência no corpo delito, outra constatação que ela apresentou foi referente a decisão de não denunciar, consequentemente deixando o autor do ato impune e passível de realizar com outras mulheres, e esse fato há deixa triste.

Após a explicação da ocorrência, ela descreve os impactos dela após ter sido abusada sexualmente, relata que já realizava acompanhamento psicológico, mas que após o ocorrido, as sessões mudaram de foco, se enviesando com os traumas que ficaram e procurando formas de enfrentamento interna.

Corroborando com isso, ela relata que a confiança dela se abalou, tendo em vista que os amigos dela estavam presentes no ocorrido e não fizeram nada, relata

também dificuldade em estabelecer novos vínculos ou estar perto fisicamente do gênero masculino, além de afetar na relação sexual dela com o companheiro, pela sensação de estar vivenciando novamente o ocorrido.

Por fim, ela constatou a importância da presença da família e do namorado, pelo apoio que eles ofereceram e pela ajuda psicológica que foi proporcionada por sua psicóloga, que fez com que ela começasse a administrar o trauma, para cada vez mais ter uma vida mais leve e sem ser afetada pelo ocorrido.

5 DISCUSSÃO

A partir da Análise temática Souza (2019) foram coletados dados da entrevista principal, surgindo assim categorias correspondentes à violência e seus desdobramentos, confirmando a pergunta principal, de que mulheres universitárias sofrem violência sexual e que há consequências para a saúde. Com isso a pesquisadora articulou os resultados da AT, junto ao referencial, com a intenção de realizar uma discussão e indicações da relação entre ambos.

A primeira temática abordou “violência sexual” e indicou o fato de a universitária ter sofrido violência sexual. A SPM constatou que 43% das mulheres brasileiras sofrem algum tipo de violência. (FRUGOLI, et.al, 2019) A violação contra a mulher é compreendida como um fenômeno não natural, que não faz parte da biologia do homem. (MINAYO, 2006)

A OMS (2002) compreende a violência como qualquer ato com intencionalidade, que afeta o indivíduo. Essa conceituação elucida a ocorrência de qualquer tipo de execução.

Estudos apontam que a violência pode ser um fator biológico, portanto, alguns indivíduos possuem mais disposição para agredir, mas é importante pontuar que não é um fator justificável, nem a permanência dela até os dias atuais. Mas constatando que os autores de violência possuem uma disposição genética, é de suma importância que ele tenha acompanhamento multidisciplinar da área da saúde, uma forma de prevenção para que pessoas não sejam violentadas. (KRUG; DAHLBERG, 2006)

A jovem universitária relata que estava num espaço de lazer junto com os amigos e a partir desta situação correu a violência sexual, na qual o autor era conhecido. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência como um ato realizado com intencionalidade, independente do resultado que ocorra, sendo uma violação dos direitos humanos, inclusive envolve força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. No caso desta universitária se observa que houve uso da força física, pelo relato dos machucados que permaneceram por três semanas, facilitando a compreensão social da ocorrência do ato.

Para Minayo (2006) a maior parte da dificuldade em conceituar a violência vem do fato de ela ser um fenômeno da ordem do vivido, cujas manifestações provocam ou são provocadas por uma forte carga emocional de quem a comete, de quem a sofre e de quem a presencia. Então, a estudante relatou que após a saída do bar, ela se recorda de poucos momentos, sendo que ela confiava nos amigos, que se encontravam no apartamento, que foi o local que o autor da violência, levou para o quarto e ela pediu várias vezes para que ele não prosseguisse. Demonstrando que nessa situação foi exercido o poder do homem sobre a mulher, ainda que a garota pedisse a este rapaz para parar. A OMS (2014) realizou um plano para o sistema de saúde dos países envolvidos, com o intuito de promover atendimentos de amparo à vítima e tornar o procedimento o menos traumático possível.

A estudante relatou que após se conscientizar da ocorrência do ato, junto a sua família, foi ao hospital em busca de medicações profiláticas. Krug e Dahlberg (2006) ressaltam a importância dos profissionais da área de saúde estarem preparados para receber a demanda, e realizar o acolhimento de acordo com plano da OMS (2014), com foco na proteção da sociedade como um todo.

As consequências dos atos violentos não estão limitadas apenas nas vítimas, pessoas em sua volta, como família e amigos também são atingidos. Esse fenômeno que causa violação dos direitos da mulher está na sociedade há décadas, apenas se modificando de acordo com a sociedade e sua evolução. (FRUGOLI et al., 2019) Na entrevista, ela ressaltou a preocupação da família em relação a ela e a denúncia, além disso relatou o apoio do namorado na sua recuperação, respeitando-a em seu período de privação sexual. Demonstrando assim parte das consequências causadas nas pessoas em sua volta.

A segunda temática correspondeu a “comportamento pós violência sexual” apresentou a problemática da vida do agressor após a realização da violência. A universitária enfatizou em sua entrevista, que a falta da denúncia, possibilitou que a vida do agressor continuasse normal.

Historicamente Minayo (2006) contextualiza que a mulher não possuía voz na sociedade. A luta feminista foi um avanço para que esse cenário começasse a mudar. Atualmente a forma com que o gênero feminino é visto e ouvido, ainda possui influência do machismo enraizado. Compreendendo assim que muitas mulheres possuem medo da denúncia, deixando os números de vítimas fruto de

violência de gênero minimizada legalmente e conseqüentemente o autor do crime fica impune e aberto para novas agressões.

Após o ocorrido, o autor da violência evitou encontros, Rogers (1991) constata que cada indivíduo possui sua particularidade e reação, compreendendo assim que o mundo interno do autor do crime reagiu de uma maneira à violência que ele cometeu e o mundo interno da universitária reagiu de outra forma. A omissão do autor após a violação correspondeu a uma forma dele se esquivar do ocorrido. (MIANYO; 2006).

A reação momentânea pós violência, foi da universitária não realizar a denúncia, porém após um tempo de ocorrência do ato, por estar melhor psicologicamente, ela constatou que deveria ter denunciado e provado a ocorrência judicialmente. Como forma de mudança desse cenário, a OMS (2014) realizou um projeto, com a intenção de realizar uma junção entre o trabalho multidisciplinar de amparo a vítima, com o intuito do sistema de saúde oferecer meios e informações para que a denúncia ocorra, visando minimizar o sofrimento do trauma e direcionar o indivíduo à denúncia, com o acolhimento e amparo adequado, propiciando assim justiça e amparo legal.

Nas DEAM's os serviços deveriam oferecer amparo adequado de policiais do gênero feminino, acolhendo mulheres que sofrem qualquer tipo de violência. Essas profissionais deveriam apresentar qualificação e conhecimentos, relacionada ao gênero feminino, direitos humanos e leis que protegem as mulheres.

Silva (2017) ressalta que a prática desse plano, não é concretizada, pela falta de conscientização e preparo dos trabalhadores envolvidos.

Os dados de violência contra as mulheres são alarmantes, a OMS (2014) constatou que uma a cada três mulheres sofre algum tipo de violência, reforçando a necessidade da conscientização social referente à prática da violência do gênero feminino, e a concretização dos planos implementados na sociedade para a proteção das mulheres.

Para que ocorra a efetivação da prevenção contra a mulher, é preciso de uma mobilização social, com diversas áreas atuantes, desde o poder público, ações governamentais, áreas da saúde e principalmente mudança de pensamentos relacionados a violência, gerando assim uma conscientização social. Essa conscientização é uma forma de fortalecer e demonstrar socialmente que a mulher possui amparo desde o sistema de saúde, até o sistema jurídico como forma de

apoio à vítima e justiça ao autor da violência. (TANIZAKA et al, 2020)

A terceira temática apresenta “rede de apoio e enfrentamento”. A rede de apoio às vítimas de violência é fundamental para que o processo de absorção e resolução do ocorrido, para levar a situação mais leveza e coerência. Muitas vezes em locais de acolhimento, como hospitais ou delegacias, corroboram com a negligência da situação da vítima, sendo cruciais informações e preparos para que os profissionais realizem o acolhimento da maneira correta e não agravem mais o caso. (SILVA, 2017).

Manayo (2006) ressalta que a rede de apoio é uma das ferramentas mais importantes no momento de acolhimento à vítima. No relato da participante, foi citado que a rede de apoio, tanto na parte psicológica por sua psicóloga, como na parte da área da saúde, para que ela tomasse as medicações corretas, foram fundamentais para que o momento que estava sendo vivenciado não fosse mais traumático. Rogers (1996) em seus estudos do comportamento humano ressaltou a importância da ressignificação das experiências não simbolizadas, elas correspondem a vivências que não são satisfatórias ao indivíduo. A violência é uma representação dessas experiências, onde o indivíduo muitas vezes distorce e nega. O psicólogo possui um papel crucial nesse processo de ressignificação, junto com o indivíduo que sofreu a violência, ele auxilia na conscientização da experiência vivida e automaticamente na mudança da percepção.

Pelisoli e Dell’Aglio (2014) ressaltam a importância do apoio de profissionais na área de saúde nos primeiros momentos para vítimas de violência. Sendo um grande passo na futura recuperação e prevenção de possíveis agravamentos tanto fisicamente, como psicologicamente.

A universitária pontua que a presença de seu companheiro, foi fundamental quando ela estava no quarto com o autor da violência e após o ocorrido. O amparo da família e compreensão da nova realidade pós traumática, foi um forte aliado para que a recuperação física e psicológica ocorresse com mais fluidez. (SILVA, TANIZAKA, SOARES; 2018)

É necessário compreender que é particular o dano em cada indivíduo, ou seja, a pessoa pode apresentar trauma independente da intensidade que ocorreu a violação, portanto a forma que será realizada a intervenção irá variar de indivíduo para indivíduo. (MINAYO, 2006)

A situação pós traumática é uma ocorrência recorrente em indivíduos violentados. A universitária relatou ter crises de pânico ao se lembrar da violência, dificuldade em ter a relação sexual inicialmente por conta dos machucados físicos que ficaram e após a recuperação física, pela lembrança que era remetida, relatou também possuir dificuldade em realizar algumas posições sexuais que remetiam à violência. O ato causa grandes consequências para a saúde da vítima, para a sociedade e para o sistema de saúde público.

A violência não se limita apenas nos atos visivelmente causados, como o ato físico, ele pode abranger também o ato sexual, psicológico, dentre outros. (MINAYO, 2006) Qualquer tipo de violência pode ter uma série de consequências, como problemas psicológicos, falta de autoestima e problemas físicos, causados pela violência.

A forma com que o indivíduo levará a situação pós violência é pessoal, mas pode ser influenciada pela rede de apoio, ou seja, a forma com que as pessoas do convívio do indivíduo apoiam ou não a situação, tende a influenciar. (ROGERS, 1992)

O enfrentamento requer uma grande concentração das vítimas. A entrevistada relatou que a vida dela mudou drasticamente após a ocorrência da violência, formando uma nova configuração de vida todos os dias, buscando soluções para que o trauma não afetasse sua vida, por mais que isso se apresente com muita dificuldade. (FURQUIM, 2020)

O acompanhamento psicológico em caso de violência é uma das ferramentas fundamentais para ressignificar o que foi vivido, como forma do trauma não afetar tanto. A universitária relatou que já realizava acompanhamento psicológico e após o acontecimento, ele foi crucial para administrar o trauma.

A quarta temática apresentou o tema "cultura enraizada". Silva (2017) enfatiza que mulheres são vítimas de violência por conta do gênero, independente da realização de comportamentos desencadeadores. No dia em que houve a violência contra a universitária, o fator de ela ter ingerido álcool e droga, não podem ser utilizados como fatores que determinaram o ato.

No caso de violência contra mulher, a falta de apoio social é recorrente em todo o mundo, onde muitos indivíduos acreditam que o homem ainda possui o poder sobre o gênero feminino e suas escolhas.

Outro fator enraizado é a naturalização do abusador e seus atos, tendo em vista que é recorrente o autor buscar prazer pelo medo da vítima e sua humilhação. O ato dos amigos da estudante não se oporem ao fato dela estar sendo abusada, indica que homens compactuam com o que o machismo estabelece na sociedade. No caso da ocorrência relatada na pesquisa, os indivíduos presentes aceitaram a prática da violência, sem questionamento e impedimento. (FURQUIM, 2020) Maradei e Santos (2017) realizaram uma análise histórica em sua pesquisa e apontaram que o patriarcado foi instalado com a intenção de radicalizar as relações, como prática da desvalorização da figura feminina e valorização da figura masculina.

As agressões se potencializaram, como uma forma de realizar a opressão da mulher e diminuir o seu gênero. Com o tempo, as configurações do patriarcado foram se modificando e se adaptando de acordo com as configurações de sociedade, mas a forma da utilização da violência como forma de poder. Em relação a negligência a figura feminina, a assimetria de gênero é considerada um costume enraizado na sociedade, que se instalou desde os primórdios. Historicamente a mulher foi excluída da sociedade pelo seu gênero, recebendo regras do gênero oposto, sobre suas ações e pensamentos. (MINAYO; 2006)

A universitária relata que a cultura machista diminui e tira muitas vezes o poder de escolha da mulher, na ocorrência da violência, o fato de terem amigos do gênero masculino presente, não amenizou o fato de a violência ocorrer. Após o ocorrido, os amigos que estavam presentes, reforçaram que não houve a violência para a estudante. Levantando o aspecto do medo do julgamento das pessoas não acreditarem no acontecido, ressaltando outro fator que o machismo enraizado fortalece que é a diminuição da vítima após a violência, como uma forma de opressão, da sociedade em não acreditar e tirar a voz da vítima, tirando a força e coragem da realização da denúncia.

Culturalmente a mulher é oprimida e tratada como desigual, como forma de exemplo recorrente da situação, o ambiente acadêmico é um grande foco para que essa problemática seja concretizada, pelo preconceito e descriminalização do gênero. Constatando que há poucas décadas a mulher conquistou o seu espaço social e conseqüentemente nos estudos, a prática da violência é uma forma de opressão e proliferação da desigualdade. (FURQUIM, 2020) Mesmo com toda a conquista e luta que a mulher realizou até a atualidade, a graduação é uma das formas que o machismo atua oprimindo, seja pelo poder exercido pela figura

masculina dentro da graduação, como professores ou pelo medo que a mulher possui em estar sozinha nas redondezas ou no próprio local.

A ocorrência da violência não foi dentro da graduação, mas foi no âmbito universitário, demonstrando que a violência em universitárias ocorre da mesma forma do que com as mulheres sem formação acadêmica. Formas de enfrentamento foram implementadas na sociedade, como a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), com a intenção de ter uma resolução da situação menos dolorosa, Silva (2017) constata que na prática a forma com que os casos são acolhidos, não apresenta tanta coerência. Sendo possível relacionar com a observação de a participante ter tido medo de realizar a denúncia e da forma com que isso pudesse repercutir desde o acesso à delegacia, até a pressão social pela denúncia, tendo em vista que os homens que estavam presentes no dia do ocorrido, falaram que ela achar que foi estupro era algo equivocados, comprovando assim novamente a cultura machista.

Como citado na entrevista, a participante relatou que a falta de apoio a vítima na sociedade, sendo algo culturalmente existente e enraizado. Esse sistema muitas vezes faz com que o medo de realizar os protocolos legais e dos julgamentos impeçam o ato da denúncia, como ocorreu com a participante. Foi observado na entrevista que havia a vontade da participante de realizar a denúncia, por mais que houvesse apoio e estímulo da família, ela relatava estar ainda assimilando o ocorrido.

Tendo em vista que a culpabilidade de não ter denunciado após ter passado um tempo, e o medo de outras mulheres passarem pela mesma situação, faz parte do processo pós-violência. O fenômeno de enfrentamento e a forma com que a vítima violentada reage como um todo é particular e se concretiza a partir de suas vivências pessoais. (ROGERS, 1992)

É importante ressaltar que cada ser humano possui a própria individualidade, que influencia diretamente realidade, dando a possibilidade de reação de acordo com a percepção e necessidades pessoais. Portanto a forma com que cada indivíduo experiencia a violência varia de acordo com mundo significativo e sua particularidade, fazendo com que a percepção do que foi vivenciado seja compreendido em sua totalidade apenas pelo indivíduo que vivenciou. (ROGERS, 1992)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo compreender as consequências da violência sexual para a saúde das mulheres universitárias, com base na coleta realizada pela Análise Temática e identificação de categorias. Tais objetivos foram atingidos por meio da identificação de categorias, comprovando as consequências fisiológicas e psicológicas geradas pela violência em mulheres e continuamente em mulheres universitárias, atingindo diretamente na saúde da vítima.

Foi possível compreender que a ocorrência da violência gera consequências, independente do meio em que o indivíduo está inserido. Corroborando com isso, existem fatores que propiciam que a violência ocorra, o fator gênero está atrelado nessa constatação.

A partir dessa compreensão, é de suma importância enfatizar que o gênero feminino é vítima da maior parte das agressões. As violências em mulheres universitárias correspondem a uma das vertentes que o gênero masculino executa o ato, com o intuito de oprimi-las. A ação representa a concretização das crenças realizadas por homens machistas, que acreditam que elas são inferiores ou que apenas homens podem obter conhecimentos acadêmicos.

A OMS (2002) apresentou em seu relatório as consequências relacionadas a violência. O indivíduo que sofre violência fica disposto a vivenciar uma série de problemas relacionados à saúde, como psicológicos ligados ao trauma, possibilitando disfunções mentais e patológicas. Outros possíveis agravantes são as sequelas físicas, que podem ser irreversíveis.

A violência sexual é um ato agressivo, que desencadeia inúmeros problemas além dos recorrentes citados anteriormente. Vítimas do gênero feminino muitas vezes são julgadas socialmente pelo ocorrido, por terem sido violentadas. Culturalmente os indivíduos acreditam que o violamento é fruto de algum ato que desencadeou o desejo no autor da agressão.

No referencial teórico foi elucidada com clareza a luta das mulheres na sociedade, que tinha como cunho o respeito e a valorização social. Em contradição com a luta, os hábitos machistas enraizados resistem desde o início da desigualdade social, com a intenção de manter a opressão ao gênero feminino. A violência é apenas uma das maneiras do gênero masculino executar os costumes.

Outros fatores importantes são as consequências causadas nas vítimas de

violência sexual. Ressaltando as possíveis influências rotineiras da pós violência, como dificuldade em estar perto de situações ou pessoas que remetam a lembrança da violação. No caso da violência sexual em mulheres, a aversão à figura masculina é recorrente, além de problemas fisiológicos e psicológicos desencadeados.

Foram delimitadas maneiras de conscientização, referentes às formas que ocorrem à violência sexual em mulheres e seus reflexos na saúde, mostrando formas de prevenção e meios de recorrer, caso ocorra à violência.

As formas de enfrentamentos variam de acordo com a individualidade da vítima e da situação ocorrida. O sistema de saúde nesses casos tem responsabilidade de acolhimento da demanda trazida e amparo à vítima e à família, como uma forma de minimizar o sofrimento e não tornar o acolhimento como mais um trauma na vida do indivíduo.

O acúmulo de tarefas para os agentes jurídicos e da saúde, acarretam na falta de atendimento satisfatório às vítimas. Deixando a estrutura de amparo à vítima demasiada, não cumprindo com o projeto de acolhimento sem sofrimento.

De modo geral foi identificado que mundialmente as mulheres possuem medo da denúncia pelo julgamento da sociedade e pela falta de respaldo que os órgãos públicos oferecem, tendo em vista as formalidades que os processos judiciais acarretam. Sendo um reforçador negativo, para que a vítima não passe por mais constrangimentos e julgamentos. Muitas vezes a falta de estrutura na realização de enfrentamento acaba sendo mais uma forma de violação dos direitos humanos.

Sendo mais uma possibilidade prejudicial à saúde da vítima, tendo em vista que a falta de provas e medidas protetivas, faz com que o autor da violência saia ileso e apto para realizar atos violentos com a vítima e outros indivíduos da sociedade.

Como anteriormente dito, a violência acarreta em uma série de consequências para saúde, desde o ato propriamente dito, até a falta de preparo do setor público, afetando a saúde da vítima pelo stress de processos mal realizados e pela falta de proteção. Portanto a conscientização social é uma ferramenta eficaz para que esses altos índices sejam diminuídos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Mapa da Violência Contra Mulher**. Brasília, p.5-76, 2018, Disponível em: http://www.justicadesaia.com.br/wp-content/uploads/2019/02/Mapa-da-Violencia_pagina-cmulher.pdf. Acesso em: 03 março 2020.

DAHLBERG, L. L; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, vol.11, p. 1163-1178, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000500007. Acesso em: 15 maio 2020.

DELL'AGLIO, D. D; PELISOLI, C As Contribuições da Psicologia para o Sistema de Justiça em Situações de Abuso Sexual. **Psicologia ciência e Profissão**. Brasília, vol.34, no.4, p. 916-130, Outubro-Dezembro. 2014. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000400916&lang=pt. Acesso em: 4 abril 2020.

FURQUIM, G. **Mulheres, violência e o sistema único de saúde "SUS": contribuições do serviço de psicologia**. (Dissertação de Mestrado em Psicologia). São Paulo, Universidade Metodista, 2020.

MARADEI, A; SANTOS, M. D. Violência contra as mulheres: o caso do estupro coletivo na esfera pública digital. **Revista Brasileira de Ciências**. São Paulo, vol. 40, núm. 2, p. 143-168, maio-agosto. 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/698/69852455009.pdf>. Acesso em: 10 maio 2020.

MINAYO, M. C. D. S. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2006. 128p.

OMS. **Relatório Mundial sobre a prevenção da Violência**. São Paulo, p: iv-221, 2014.

OMS. **Relatório Mundial sobre violência e saúde**. Genebra, p: 1-19, 2002. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2019/04/14142032-relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude.pdf>. Acesso em: 10 fevereiro 2020)

OPAS/OMS. Violência contra as mulheres. **Folha informativa**. Brasil, nov. / 2017. Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contras-as-mulheres&Itemid=820 Acesso em: 3 maio 2020.

SANTOS, I. C. D; OLIVEIRA, Experiências das mulheres na escravidão, pós-abolição e racismo no feminismo em Angela Davis. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, vol.26, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000100804&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 23 março 2020.

SÁ-SILVA, J.R; ALMEIDA, C. D. D; GUINDAN, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Rio Grande, Ano I - Número I, p. 1-14. Julho de 2009. Disponível em: www.rbhcs.com. Acesso em: 30 junho 2020.

SILVA, R. M. F. D. **A delegacia dos fundos: uma etnografia da delegacia especializada de atendimento à mulher**. 244f (Tese de Doutorado de psicologia, área de concentração em Saúde Coletiva). São Paulo, Universidade Federal de São Paulo, 2017.

SILVA, R. M. F. D.; TANIZAKA, H; SOARES, S. R. A Violência Contra as mulheres no percurso de vida: análise sobre um psicodiagnóstico de abordagem de base fenomenológica. In. OLIVEIRA, A.L. D; CASTRO, P. F. D. **Psicologia: novos olhares**. Taubaté: Edição: UNITAU, 2018. Parte: II, p. 144-159

SOUZA, L. K. D. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, vol.71, n.2, p. 51-67, 2019, Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672019000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 agosto 2020.

FRUGOLI, R; TANIZAKA, H; CARMASSI, M. R; SILVA, C. J. D. Violência contra as mulheres universitárias: passividade institucional e vulnerabilidade no âmbito acadêmico. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**. Garça, Edição 33, v. 33, n. 01, p. 1-23, novembro. 2019. Disponível em: <http://www.faef.revista.inf.br/site/c/psicologia.html>. Acesso em: 10 março 2020

TANIZAKA, et al; Contribuições da epistemologia de gênero para a compreensão do fenômeno da violência contra as mulheres universitárias. In. JÚNIOR, M. A.

Psicologia um olhar na família. Guarujá, Editora Científica Digital, 2020, p. 93-106

Disponível em: <https://www.editoracientifica.org/books/isbn/978-65-87196-13-8>.

Acesso em: 23 Agosto 2020.